

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



Trabalho de Projecto

**Família e Escola:
Dois mundos,
uma finalidade!**

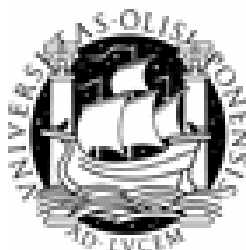
João Pedro Lourenço Gonçalves dos Santos

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



Trabalho de Projecto

Família e Escola: Dois mundos, uma finalidade!

João Pedro Lourenço Gonçalves dos Santos

Professora orientadora: Prof. Dr.^a Natália Alves

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

Índice

Resumo	3
Abstract	3
Introdução	5
I - Enquadramento geral do projecto	8
Justificação da necessidade do projecto	8
Enquadramento teórico da problemática	9
Escola, apoio da família	9
A importância da escola para a família	11
A relação Família-Escola	13
Caracterização da Instituição de acolhimento	17
Identificação e caracterização do grupo-alvo	20
Identificação das condições para o êxito do projecto	21
Definição do âmbito temporal	22
Resultados esperados	22
II - Projecto	23
Apresentação do diagnóstico e definição do problema	23
Finalidade, objectivos e estratégias	30
III – Plano de Actividades do Projecto.....	32
IV – Plano de Avaliação.....	42
V – Orçamento.....	44
Conclusão	50
Bibliografia.....	52
Anexos.....	56

“Educar crianças é talvez a tarefa mais importante e desafiadora
que a maior parte de nós executa.
É um compromisso para toda a vida
– por vezes descrito como a única tarefa que temos na vida –
e o facto de a executarmos bem tem a probabilidade de
ter um impacto nas gerações futuras,
tendo um papel significativo na modelação dos valores e atitudes
que os jovens tomam até às suas próprias relações adultas
e a sua abordagem em serem pais por sua vez.”

(Pugh, de’Ath & Smith)

Resumo

Este trabalho de projecto surge no contexto dum Centro Paroquial com valências na área educativa, nomeadamente: creche, jardim de infância, ATL e colégio. Através de um diagnóstico da situação constatou-se a necessidade de alterar a realidade do contacto entre pais e educadoras, procurando aproximar estas duas realidades e aumentar a qualidade do diálogo já existente.

Neste sentido, "Família e Escola: Dois mundos, uma finalidade!" procura unir estas duas estruturas responsáveis pela educação das crianças que frequentam o Centro, uma vez que, apesar de serem dois mundos distintos, ambos têm a responsabilidade de educar as crianças sendo que esta educação será mais eficaz quão mais em sintonia estiverem.

Projectaram-se várias actividades que se crê que possam fomentar o diálogo entre todos os intervenientes no processo educativo das crianças e, simultaneamente, aumentar o grau de capacidade de resposta para as dificuldades existentes.

Palavras-chave: Família, escola, diálogo, educação e co-responsabilidade.

Abstract

This Project work emerges in the context of a Parochial Centre with departments in the educational area, namely day care, kindergarden, after school activities and private school. Through the diagnosis of the situation we found the need to alter the reality of the contact between parents and teachers, looking to bring these two realities closer together, and increasing the quality of the already existing dialogue.

In this sense, "Família e Escola: Dois Mundos, uma finalidade!" (Family and School: Two Worlds, one goal!) looks to unite these two structures that are responsible for the education of the children who attend the Centre, since, although they are two different worlds, both have the responsibility of educating the children, being that this education will be more effective in the same degree that the two are attuned to one another.

Various activities were projected that we believe may foment the dialogue between all the intervenients in the children's educational process and, simultaneously, increase the degree of response capacity for the existing difficulties.

Keywords: Family, school, dialogue, education and co-responsibility

Introdução

O papel da Educação tem sido cada vez mais repartido entre a família e a escola. Hoje em dia, a discórdia não se acentua sobre este ponto – uma vez que este aspecto é já consensual – mas sim sobre quem possui um peso maior na educação destas crianças, uma vez que, *“de algumas décadas a esta parte, parece que as creches e os jardins-de-infância, instituições cujo papel é cada vez mais reconhecido como indispensável, sobretudo nas sociedades industriais e pós-industriais, ocupam, quanto muito, um lugar paralelo ao dos progenitores, na tarefa de socializar a criança pequena, até respectivamente os 3 e os 5 anos de idade. Depois segue-se a escola básica na qual decorre a maior parte do tempo da criança”* (Teixeira, 2006: 38).

Deste modo, o tempo das crianças é repartido entre a escola e a família. Além disso, os pais estão cada vez mais ocupados, querendo também ocupar os seus filhos com cada vez mais actividades. Basta ouvirmos as conversas que nos rodeiam para perceber as 'correrias' diárias entre as aulas de natação, ténis, ginástica, ballet para chegar a casa e ainda terem que fazer os trabalhos de casa. O objectivo é claro: proporcionar aos filhos uma educação com qualidade e diversidade elevada e, ao mesmo tempo, mantê-los ocupados.

Não obstante, todo este processo traduz-se num outro fenómeno paralelo: os pais têm cada vez menos tempo (de qualidade) com os filhos! Estes ficam cada vez mais tempo nas escolas e as próprias instituições sentem a necessidade de se adaptarem à realidade e alterarem horários, alargando-os às horas de entrada e saída para serem capazes de dar resposta ao que os pais precisam. As crianças passam a ter a escola não como uma segunda casa mas, muitas vezes, como a primeira!

É neste sentido que urge, cada vez mais, que os pais e as escolas consigam aproveitar algum do tempo que ainda têm para se encontrarem e trocarem experiências e opiniões, traçando caminhos e medidas que os respectivos filhos e alunos possam percorrer com a finalidade de terem um maior sucesso no final desse trilha.

O Centro no qual me encontro tem, actualmente, capacidade para 305 crianças, distribuídas por duas valências de creche e duas valências de jardim de

infância (tal como veremos mais à frente). Parece um número bastante elevado, no entanto, anualmente, são mais de oitenta as crianças que aguardam em lista de espera. Os pedidos de ajuda de pais sem local para deixarem os filhos também são constantes, apelando à necessidade dum sítio barato e perto onde possam deixar os filhos, alegando não terem possibilidades de pagar uma escola mais elevada.

A escola tornou-se essencial na vida dos pais e uma estrutura necessária para muitos logo a partir dos quatro meses de idade.

Assim, a necessidade de pais e instituição escolar 'darem as mãos' para trabalharem em equipa é primordial na época em que vivemos e, com bastante facilidade o descobrimos.

Também o Centro Paroquial do Estoril poderá ter um caminho a percorrer neste sentido, alargando as respostas para as necessidades que educadores (pais, educadoras, auxiliares e comunidade educativa no geral) possam ter. É essencial a participação de todos de modo a que, os que estão envolvidos no processo educacional da criança se encontrem em sintonia, tal como referiu Olga Avelino (2004: 77) num seminário realizado em Maio de 2004, onde proferiu que *“esta sintonia, esta coerência vivenciadas na Família e na Escola só podem contribuir para termos Pais e Professores, de facto, coerentes e elementos bem ligados, conformes, lógicos, elementos que querem coerir: o verbo é pouco usado no nosso quotidiano, mas significa aderir reciprocamente”*.

Para tentar determinar alguma coerência e apresentar um relatório da forma mais correcta optou-se pela seguinte divisão: após os capítulos introdutórios, surge-nos a I parte do projecto que consiste no **enquadramento geral do projecto**. Este enquadramento, por sua vez, está organizado em pequenas partes de modo a esclarecer o leitor da necessidade deste projecto. Assim, faz todo o sentido começar-se por justificar a necessidade deste projecto, de seguida existe um pequeno enquadramento teórico da problemática onde se procura fundamentar a importância do diálogo entre pais e educadoras para um crescimento equilibrado das crianças. Seguidamente existe uma breve caracterização da instituição e uma identificação e caracterização do grupo-alvo. O capítulo deste enquadramento geral termina com a referência às condições

necessárias para o êxito do projecto, o âmbito temporal no qual este se localiza e quais são os resultados esperados.

A II parte deste projecto consiste no **projecto**, propriamente dito. Nesta parte existe um diagnóstico da situação que serve de base de explicação para a existência e para a importância deste projecto, explicando qual o problema que pretende ser resolvido. Depois de apresentado o diagnóstico e o problema apresentam-se as finalidades, os objectivos e as estratégias através dos quais se pretende desenvolver o projecto resolvendo o problema existente.

No seguimento deste capítulo surge o **plano de actividades** onde se demonstra como se pretendem aplicar as estratégias apresentadas, com o intuito de atingir as finalidades propostas, resolvendo o problema existente. Neste plano de actividades são descritas com algum pormenor as actividades que se pretendem efectuar, qual o sentido da sua existência e o que é necessário para que estas se verifiquem.

O plano de avaliação do projecto encontra-se na IV parte deste projecto, demonstrando os indicadores utilizados para que, depois de posto em prática, se possa avaliar se os objectivos que foram propostos inicialmente foram atingidos.

Já a terminar, encontra-se o **orçamento** do projecto na V parte onde se evidenciam os gastos necessários para que estas actividades sejam efectuadas quer os necessários com recursos humanos quer os inerentes a gastos materiais.

No final deste trabalho encontra-se, tal como habitualmente, uma **conclusão** onde se apresentam as aprendizagens feitas ao longo deste relatório.

I - Enquadramento geral do projecto

Justificação da necessidade do projecto

O meu estágio curricular, no final da minha licenciatura, foi efectuado no ATL do Centro Paroquial do Estoril. Com o passar das semanas e dos meses, a estrutura e a mecânica do Centro Paroquial do Estoril foi-se tornando mais familiar para mim porque me fui envolvendo cada vez mais com a instituição, no seu projecto educativo e na abertura iminente de uma nova infra-estrutura. Foi deste modo que a minha presença foi passando a ter um papel mais relevante enquanto técnico em educação e que a minha prestação se foi mantendo e até aumentando.

Ao longo das semanas, fui também ouvindo as dificuldades inerentes a qualquer instituição. Um dos aspectos que ouvi ser referido várias vezes foi a inexistência de meios suficientes e eficazes para se chegar aos pais das crianças que frequentam a referida instituição. Por este mesmo motivo, ao frequentar as aulas de mestrado em Formação de Adultos – e tendo escolhido a modalidade de trabalho de projecto –, achei que faria todo o sentido elaborar um projecto que incidisse sobre esta problemática na instituição onde fiquei a trabalhar.

Na dita instituição existem as habituais reuniões de pais anuais para esclarecer as dúvidas do início do ano e duas reuniões individuais entre os pais e a respectiva educadora. Além destas reuniões, os pais, são convidados a assistir às festas de Natal e de fim de ano e a participar nas actividades do dia do Pai e da Mãe.

No entanto, além de ouvir várias vezes as educadoras afirmarem que desejavam um contacto maior com os pais, também ouvi da parte de alguns pais a vontade de terem uma participação mais activa na escola dos filhos, participando activamente nas festas dos filhos e aumentando o contacto entre os pais.

Além deste aspecto pode referir-se, a título de exemplo, que os pais também poderiam ter uma participação mais activa na elaboração do projecto educativo da escola ou criando uma associação de pais, como é sugerido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, 2007).

Enquadramento teórico da problemática

Escola, apoio da família

No século XXI, a escola tem um peso fulcral na nossa vida, na medida em que *“a educação escolar, para além da missão intrínseca de transmitir conhecimentos, terá, simultaneamente, de contribuir para o desenvolvimento de competências relativas à resolução dos problemas de vida, pelo estímulo no desenvolvimento psicológico, pelo confronto com questões concernentes a valores, e, mediante a prática de actividades proporcionadas pela escola, de forma a permitir um maior desenvolvimento moral dos alunos (Bento et al., 1993)”* (Teixeira, 2006: 40). É neste sentido que Avelino (2004: 73) defende que *“a escola é feita de, por e para pessoas: Alunos, os Educadores da Escola (Professores e não só) e os Pais.”*

Nos dias em que vivemos, a escola é a base essencial da instrução, tendo já assumido um papel preponderante na educação das crianças ao nível cognitivo e tendo, entretanto, acumulado a função de transmitir valores, podendo nós afirmar, como Teixeira (2006: 38), que *“as creches e os jardins-de-infância, instituições cujo papel é cada vez mais reconhecido como indispensável, sobretudo nas sociedades industriais e pós industriais, ocupam, quanto muito, um lugar paralelo ao dos progenitores, na tarefa de socializar a criança pequena”*. Almeida (2005: 580) vai ainda mais longe ao afirmar *“que a família conjugal moderna tem como suporte a escola, de tal maneira que muitos a definem hoje como a «família educativa» (Singly, 1993)”*.

Neste início de século, as creches e os jardins-de-infância são uma área educativa em expansão. 'Educação pré-escolar para todos' é um dos *slogans* que faz parte dos lemas partidários, não só ao nível de haver mais preparação de base antes do ensino primário mas, também, porque os pais precisam de um local onde os filhos fiquem (desde pequenos) para que estes possam ir trabalhar.

Neste sentido, podemos perceber que, apesar de a escola não ter substituído por completo a função dos pais e da família, tem uma importância elevada, sendo necessária quer como um local onde as crianças possam ficar durante o dia, quer como um local onde as crianças apreendem noções básicas ao nível cognitivo, afectivo, psico-motor e dos valores.

A escola possui, então, dois grandes objetivos (Avelino, 2004: 74): o de formar (através de valores com o intuito de transformar o mundo) e o de informar (desenvolvendo as competências e os conteúdos programáticos).

Asseiro (2004: 88) afirma que é, deste modo, que a escola deve passar a ser vista *“como uma parceira na educação dos seus filhos”*, sentindo que todos fazem parte dessa instituição quer a Direcção, professores, funcionários, crianças ou pais.

Efectivamente, todos fazem parte deste processo formativo, uma vez que, quando a criança chega à escola, traz já consigo um conjunto de valores e de formas de ser inerentes à sua personalidade (Teixeira, 2006: 35). Também Gómez-Lanzas (*cit in* Castillo 2000: 145) defende que, quando a criança entra na escola, carrega uma herança cultural que irá determinar o seu sucesso escolar *“cuando el niño llega a la escuela, no sólo presenta su cuerpo y su capacidad para aprender, sino que lleva consigo toda una serie de condicionamientos propios y familiares; y eso que el niño trae de motivaciones, vivencias, pautas, estructuras y experiencias deve tenerio muy presente, el maestro, pues sobre tal base habrá de fundamentar su labor”*.

A escola tem ainda um papel inquestionável no que diz respeito à motivação da criança para a importância que a escola tem (Giordan, 1998: 97). Parece uma verdade óbvia mas, o que acontece é que, muitas vezes, as crianças perdem a vontade de ir à escola e de aprenderem, isto é, ficam sem motivação.

A motivação é um factor importante para que a criança aprenda e goste de estar na escola uma vez que, tal como Giordan (1998: 98) refere, uma palavra ou uma pequena frase são o necessário para que a criança passe a dar o seu melhor na sala. No entanto, o inverso também acontece, ou seja, se o professor ou educador disser uma frase negativa ou destrutiva, a criança também se pode sentir defraudado e o seu esforço não reconhecido, acabando por 'dar o seu pior', ou por deixar de acreditar na escola.

Esta relação causa-efeito, pode ser explicada através do chamado efeito de pigmaleão e a profecia do autocumprimento de Rosenthal e Jacobson (Coll *et all*, 1993: 272) que queriam testar *“se, em determinada turma, os alunos em relação aos quais os professores tinham maiores expectativas de rendimento eram efectivamente os que realizavam maiores progressos”*. Depois do desenvolvimento de todos os testes os autores não tiveram dúvidas que *“as*

expectativas dos professores sobre o rendimento de seus alunos podem chegar a afectar significativamente o rendimento efectivo destes últimos “ (ib: 273).

Hoje em dia, no mundo das teorias da formação e, nomeadamente, da formação de adultos, avança-se cada vez mais para uma ideia construtivista de aprendizagem na medida em que, quer os saberes anteriormente adquiridos – e reflectidos – por via experiencial, quer a aquisição espontânea de novos conhecimentos, contribuem para a aprendizagem (Canário, 2000: 111), revestindo a escola duma importância elevada para a contribuição da aprendizagem das crianças.

Na opinião de Teixeira (2006: 17) a *“educação é, portanto, uma actividade funcional, por princípio, presente em todas as sociedades mesmo naquelas em que não foram declarados estáveis os papéis de educadores, instrutores ou treinadores”*. Já Cury (2004: 9) defende que *“educar é realizar a mais bela e complexa arte de inteligência. Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”*.

A importância da escola para a família

Em pleno século XXI, décadas depois da emancipação da mulher e da massificação da escola, os pais vivem cada vez mais atarefados, correndo para todo o lado e tendo cada vez menos tempo para as crianças (Carvalho *et all.*, 2006: 40). As próprias mães – consideradas, desde sempre, como um referencial ao nível da educação dos filhos – desejam, hoje em dia, acumular esta função a um estatuto mais activo, não querendo estar unicamente rotuladas como «domésticas», mas querendo estar em diversas frentes: profissional, pessoal e maternal (Almeida, 2005: 588; Rasines, 2005: 154; Carvalho *et all.*, 2006: 39).

É neste sentido que Nogueira (2005: 569) julga que, nos dias de hoje, os pais se preocupam bastante com o local onde as crianças frequentam a escola por dois motivos: como uma forma de investimento, isto é, investe-se dinheiro com a educação da criança, esperando que, mais tarde, haja um retorno através duma distinção profissional; por outro lado, a preocupação com o local onde os filhos vão estudar pode estar relacionado com o facto de ser na escola que os filhos

adquirem uma identidade social, adquirindo qualidades que permitam uma posterior integração em certos meios sociais, no sentido em que a aprendizagem, para a Psicologia, é vista *“como o resultado de conexões (associações) entre estímulos (impressões sensoriais) e respostas (...) [ou] como uma reorganização de percepções (...) [que] permite que quem aprende perceba novas relações, resolva novos problemas”* (Sprinthall e Sprinthall, 1993), isto é, aprendemos porque existe uma interacção entre nós e aquilo que nos rodeia. Deste modo, a aprendizagem está centrada no sujeito e é simultaneamente um processo e um projecto.

Contudo, não nos podemos esquecer que vivemos numa *“sociedade na qual aos pais, assoberbados por uma vida passada entre os afazeres e os transportes que os levam para o local de trabalho e, deste para casa, pouco tempo lhes resta para dedicar, de maneira personalizada, aos filhos”* (Teixeira, 2006: 108). O que significa que, se os pais não têm muito tempo para passar com os filhos, procuram, pelo menos, procurar o melhor sítio para que as crianças passem grande parte dos seus dias.

No entanto, precisamente devido a esta falta de tempo, muitas vezes, a participação dos pais na escola, resume-se à entrega dos filhos na escola e pouco mais (Carvalho *et al.*, 2006), isto é, o tempo que existe no período da recepção da criança e no período da entrega da parte da tarde (às vezes já em prolongamentos) não são momentos de diálogo entre pais e educadoras, uma vez que são momentos multiplicados pelo número de crianças existentes na sala, impossibilitando uma conversa com todos os pais.

Importa realçar que a participação dos pais na vida da escola é, acima de tudo, um direito (Almeida, 2004: 69). Todos os pais têm o direito a participar na vida escolar da criança, uma vez que esta participação parece determinar a aprendizagem e o sucesso escolar do aluno: *“a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas”* (Lopes, 2007: 43).

Também Carvalho *et al.* (2006: 43) defendem a importância da alteração e da melhoria das relações entre a família e a escola, afirmando que *“há, então, que estabelecer relações positivas com as famílias, o que contraria uma tradição centralista de controlo da escola e a relação de cliente com a família, que se*

reduzia a entregar o filho para ser educado por especialistas. No entanto, e apesar do peso destas tradições, contrárias a uma atitude cooperativa de e com as famílias, as investigações têm consistentemente indicado que o envolvimento das famílias está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos”.

A acrescentar a este aspecto, importa salientar que, tal como vem referido no livro das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, *“a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar estabelece como princípio geral que ‘a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”* (Lopes, 2007: 15).

A relação Família-Escola

A relação entre a família e a escola é um aspecto que, muitas vezes, é descurado na organização escolar, não havendo muitos espaços para a interacção entre as famílias e as escolas, sendo mais claro este aspecto nas realidades das creches e jardins de infância, onde não existem as reuniões impostas por parte do ministério da Educação.

Este facto não deveria verificar-se, uma vez que, tal como é afirmado por Teixeira (2006: V), *“a tarefa de educar as gerações mais novas compete em primeiro lugar à família e à escola. Ambas são agentes de educação do mesmo sujeito mas cada uma tem a sua especificidade, quer nos conteúdos da educação, quer nos métodos utilizados.”*

Pode afirmar-se que, nas últimas décadas, esta relação entre família e escola tem-se vindo a alterar, uma vez que a família – que era a base da educação da criança – tem aspectos da sua realidade que se foram alterando com o tempo, nomeadamente, a constituição familiar, o papel da mãe na família e a própria disponibilidade dos avós. Neste sentido, a escola foi ficando com a ‘herança’ cada vez mais acrescida e alargada de educar as crianças (Nogueira, 2005: 570; Teixeira, 2006 : V; Magalhães, 2007: 73; Marujo *et all.*, 1998: 149).

Albino Almeida (2004: 69) defendeu num seminário realizado a 27 de Maio de 2004 que *“a participação dos pais na vida da escola faz-se como direito de cidadania. É esse o primeiro direito que leva os pais à escola”*.

Esta ida dos pais poderá (e deverá) ser favorecida e provocada pelos educadores, quer para a elaboração do projecto educativo da escola, quer para actividades pontuais e planeadas enquadradas na rotina diária da escola, como por exemplo, contar uma história, falar da profissão, ou participar em passeios que os filhos possam realizar (Lopes, 2007: 45; Torres, 2005: 239; Carvalho *et all.*, 2006: 47; Silva, 2007: 45).

Porém, quando tais actividades não são promovidas pela escola, também os pais poderão pedir um espaço para reunir as suas informações ou para se reunirem uns com os outros e propondo, com iniciativa própria, em oportunidades voluntárias como dar aulas de apoio ou ajudar nas actividades artísticas, por exemplo (Marujo *et all.*, 1998: 150).

Não obstante, este aspecto nem sempre é verificado, uma vez que, tal como é afirmado por Asseiro (2004: 99), no mesmo seminário *“sendo certo que a relação entre a escola e a família deve decorrer privilegiadamente num clima de cooperação também sabemos que emerge frequentemente uma dimensão de conflitualidade que consideramos normal mas que poderá, por vezes, criar alguns constrangimentos”*, ou seja, muitas vezes o que acaba por acontecer é que a escola tem receio dos aspectos negativos que poderão advir da presença dos pais na escola, isto é, a 'outra face da moeda' é que os pais podem interferir excessivamente na rotina da escola, na política das regras e no próprio trabalho das educadoras.

Contudo, é inquestionável que estes aspectos negativos que poderão acontecer não podem ser um obstáculo que impeça que esta relação se construa, resolvendo estas divergências e existindo um aproximar gradual e constante, uma vez que esta relação é, efectivamente, um aspecto essencial na vida educativa de uma criança (Avelino, 2004: 74; Asseiro, 2004: 95; Rigolet: 2006).

Além disso, é curioso verificar que, através de conclusões de estudos efectuados, foi diagnosticado que as crianças gostam bastante de ver os seus pais presentes na escola, participando em actividades, projectos ou num trabalho esporádico de determinada disciplina (Asseiro, 2004: 91), acrescendo o facto que a escola deve ser um local onde os pais possam aprender e superar lacunas que

possuam em áreas mais específicas relacionadas com a educação dos filhos, isto é, aproveitar os recursos humanos especializados nas dificuldades das crianças de modo a inteirarem-se das formas como devem ultrapassar as dificuldades do dia-a-dia (ibidem: 88).

Não obstante, se acharmos que uma realidade (escola ou família) pode substituir o papel e a importância da outra, estamos completamente equivocados uma vez que cada uma é complementar da outra. Tal como é defendido por Mounier et Pourtois (*cit in* Teixeira: 2006: 39), quando afirma que *“a escola e a família são contextos do desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo cujo ‘significado cultural, económico e existencial’ (...) reside no encontro dinâmico das realidades, valores e projectos de cada uma destas unidades sociais”*.

Também Visitación Herrero (2005: 48) vem confirmar esta importância de ambas as instituições – sem que uma se sobreponha à outra – quando afirma que *“la relación familia-escuela es necesaria y consecuencia directa de la responsabilidad que ambas instituciones comparten en relación a la educación de los niños/as. Desde el nacimiento, la persona es miembro de um grupo social. (...) La familia y la escuela se convierten así en las plataformas de lanzamiento para la vida adulta, plataformas a las que el niño o niña irán accediendo conforme van avanzando en su propio proceso de separación e individuación. Para ello, ambos sistemas deben poder encaminar su acción en la misma dirección, buscando objetivos comunes en el proceso educativo de los niños y de las niñas”*.

Assim, podemos constatar que, quando os pais se envolvem nas actividades da escola, partilhando expectativas e projectos, esta integração só traz benefícios. A taxa de sucesso escolar dos alunos aumenta assim como melhora o seu comportamento, a diminuição das faltas à escola, há um aumento de motivação e uma redução do abandono escolar. Por outro lado, os pais sentem-se úteis aumentando a auto-estima das crianças e favorecendo o seu sucesso escolar (Carvalho *et all.*, 2006: 48).

É também nesta linha de raciocínio que surge a seguinte afirmação, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar: *“as relações com os pais podem revestir várias formas e níveis. Importa distinguir a relação que se estabelece com cada família – que decorre do facto da educação pré-escolar e a*

família serem dois contextos que contribuem para a educação da mesma criança – da relação organizacional que implica colectivamente os pais” (Lopes, 2007: 43).

Também Magalhães (2007: 76) defende que, de há uns anos para cá, a relação entre a família e a escola tem sido cada vez mais trabalhada e tida em consideração, havendo uma maior acentuação e interesse entre estas relações, argumentando que estas alterações advêm e baseiam-se em alguns aspectos particulares, nomeadamente: *“na mudança de relações entre pais e filhos; na revolução sociocultural, entretanto operada; na extensão da escolaridade; na democratização dos estudos, na mudança nos conteúdos leccionados, na evolução dos métodos educativos; na expansão do sistema escolar, na sua feminização e na difusão de discursos especializados sobre a educação das crianças (...)”*.

O diálogo entre escola e família surge, deste modo, como um aspecto fulcral e essencial na relação entre estes dois mundos, devendo estar em sintonia e em constante conhecimento do que se passa em qualquer um dos lados, ao longo de todo o processo educativo (Avelino, 2004: 77). Tal aspecto é também sublinhado por Nogueira (2005: 573) *“hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria acção educacional e a da família. E o meio privilegiado para a realização desses ideais pedagógicos será (...) o permanente diálogo com os pais”*.

Nos dias de hoje, a escola tem um papel mais fulcral ou, pelo menos, tornou-se num local onde as crianças passam mais tempo, sendo cada vez mais necessário conhecer os pais e 'o que se passa em suas casas', nomeadamente tudo o que possa afectar o desenvolvimento normal da criança, tal como as separações dos pais, as doenças e os dramas que se passem em casa e que alterem o funcionamento normal da criança e em que seja necessário um ajuste da parte dos educadores e orientadores (Nogueira, 2005: 573). Por conseguinte, não se é capaz de se perceber o que se passa dentro da escola – nomeadamente, os seus sucessos ou insucessos escolares –, se não soubermos o que se passa fora desta, isto é, nas casas das crianças, onde se continua a construir a personalidade e os valores da criança (Almeida, 2005: 590; Gonzalez, 2005: 197; Canário, 2000: 111).

Neste sentido, podemos afirmar que, quer a família, quer os educadores da escola se tornam “*co-educadores da mesma criança*”, sendo por isso necessário que exista uma boa comunicação entre ambos, sendo trilhado um caminho lado a lado, onde se possa partilhar os progressos e as carências que vão acontecendo na evolução educativa da criança com o intuito de a educar da melhor forma possível e, acima de tudo, com a mesma direcção (Lopes, 2007: 43).

É nesta linha de raciocínio que surgiu este trabalho, inquirindo como é que esta relação pode evoluir na escola em questão uma vez que a importância desta relação é essencial nos dias de hoje, na medida em que “*a educação funciona num contexto sistémico em que todos os intervenientes, a partir dos seus diferentes papéis, concorrem concertadamente para que o processo de educação de uma criança ou jovem se desenvolva de forma equilibrada e com qualidade*” (Morgado, 2004: 95).

Caracterização da Instituição de acolhimento

O Estoril é uma freguesia do concelho de Cascais, com 8,79 km² de área e 23 769 habitantes, recenseados em 2001. Fazem parte da freguesia do Estoril, várias povoações, nomeadamente, Alapraia, Alto dos Gaios, Atibá, Bairro do Fim do Mundo, Bicesse, Bairro da Martinha, Livramento, Monte Estoril, São João do Estoril, São Pedro do Estoril e Pau Gordo constituindo, deste modo, uma população bastante heterogénea, tornando difícil a especificação dum padrão dos habitantes que fazem parte do Estoril, visto que provêm de classes sociais distintas e trabalham em sectores económicos bastante variados.

Dos ex-libris que fazem parte desta freguesia, podem destacar-se as várias praias existentes nomeadamente a conhecida praia do Tamariz, assim como o forte de Santo António da Barra, a capela de Nossa Senhora do Livramento, a Torre de São Patrício, entre outros.

No que concerne ao Centro Paroquial do Estoril, concretamente dito, este está sediado num edifício que data de 1983, com 3 andares, albergando várias valências e actividades, nomeadamente: Creche, Jardim de Infância, ATL, Centro de Dia, banco alimentar destinado aos habitantes mais desfavorecidos da

freguesia de Santo António do Estoril numa parceria com o Banco Alimentar de Lisboa, entre outras actividades mais pontuais.

Em 2009 o Centro viu as suas valências serem alargadas. Em Maio, foi aberto um lar com capacidade para receber 15 utentes, estando aberto 365 dias por ano com presença diária e constante dos idosos.

Em Setembro de 2009, o alargamento através duma estrutura muito ambiciosa e um desejo há muito almejado: um complexo denominado de Centro Comunitário da Sra da Boa Nova, situado na localidade da Galiza (antigo bairro do Fim do Mundo), um bairro que alberga moradores com necessidades especiais, de raça africana, etnia cigana e ucranianos, constituído por pessoas de classes sociais bastante baixas e com carências monetárias e educacionais elevadas.

Este complexo é composto por três edifícios: uma igreja, um colégio de 1º e 2º Ciclo e um Centro Comunitário que pretende dar resposta às necessidades do bairro através das valências duma Creche com capacidade inicial para 66 crianças, um Jardim de Infância com capacidade para 75 utentes, um Centro de Dia que pretende apoiar diariamente cerca de 30 idosos, Apoio Domiciliário que tenciona dar resposta às necessidades de 100 utentes, Banco Alimentar como veículo de apoio aos residentes do bairro e o encorajamento e apoio na criação de microempresas como forma de desenvolvimento local apoiando os desempregados à criação dum projecto próprio e onde se sintam realizados e preparados.

Está, ainda, prevista a construção e abertura duma escola profissional como um meio de apoio ao desenvolvimento educacional do bairro, acolhendo os adolescentes que não conseguem terminar o ensino tradicional, preferindo a obtenção dum diploma profissionalizante que lhes abra a porta directamente para o mercado de trabalho.

O Centro possui uma forte índole religiosa, estando ligado à Igreja Paroquial de Santo António do Estoril e tendo a celebração da Eucaristia nas suas instalações, uma vez por mês, para os idosos e voluntários do Centro Paroquial.

No que diz respeito aos idosos são várias as actividades desenvolvidas com estes, promovendo desde a ginástica, tricot, renda, artes plásticas, entre outros, procurando colmatar a solidão que, por vezes, esta faixa etária da nossa sociedade sente ao ser abandonada pelos membros das respectivas famílias. Ainda nesta valência, importa referir que o Centro possui uma equipa de

funcionários que faz um acompanhamento domiciliário dos idosos com mais dificuldades de locomoção e de assistência, levando-lhes o almoço, ajudando-os na sua higiene diária e solucionando alguns problemas que eles não sejam capazes de resolver autonomamente.

Em relação às crianças, estas encontram-se divididas em várias salas, segundo a sua faixa etária, constituindo um grupo muito extenso e heterogéneo desde o berçário, creche, jardim de infância, ATL e 1º e 2º Ciclo. Além disso existe também uma sala que acolhe crianças com deficiências, exigindo atenções mais particulares e constantes.

As crianças que compõem o Centro Paroquial do Estoril estão divididas do seguinte modo:

- Centro Paroquial do Estoril (edifício inicial):
 - Creche: 60 crianças;
 - Jardim de Infância: 100 crianças
 - ATL: 20 crianças;
- Centro Comunitário Sra da Boa Nova (novas instalações):
 - Creche: 66 crianças;
 - Jardim de Infância: 75 crianças;
 - Colégio: 70 crianças.

As actividades das crianças ao longo do dia são variáveis de acordo com a valência (creche, jardim de infância, ATL ou colégio) e, dentro destas, de acordo com as próprias idades das crianças. No entanto, o objectivo principal presente na educação das crianças é uma educação para a plenitude da criança, ou seja, pretende-se educar a criança de modo a que esta esteja preparada física, cognitiva, psicológica e civicamente, proporcionando actividades que vão ao encontro destes objectivos.

O desenvolvimento físico-motor é um aspecto que não é descurado na educação da criança através da ginástica, do movimento, do ensinar a criança a pegar nos talheres à refeição e a agarrar nas canetas, nos lápis e na tesoura desenvolvendo a motricidade fina e grossa da criança; a leitura de histórias, a aprendizagem das letras e dos números, o ensino básico do inglês e da informática são algumas das actividades com as quais se pretende transmitir uma educação pré-escolar às crianças que lhes permita atingir o sucesso na

escolaridade básica; a relação com os outros, os jogos de equipa, a preocupação com as crianças que necessitam de mais atenção e a responsabilização pelos próprios actos, são alguns dos métodos desenvolvidos com o intuito de incutir nas crianças mais novas a preocupação pelos outros e pelos seus interesses, educando crianças que estejam preparadas para serem boas cidadãs no mundo e na sociedade.

A jeito de conclusão, importa referir que, com todos os serviços que esta instituição oferece a um total de cerca de 400 crianças e 120 idosos, é necessário uma estrutura consistente, sendo necessários vários funcionários, tais como as cozinheiras, equipa de limpeza, equipa de domicílio, equipa da lavandaria, condutores, secretárias, sector da contabilidade, assistentes sociais, responsáveis pelos idosos, psicóloga, educadores e auxiliares de acção educativa, entre outros, num total de perto de 100 funcionários.

Identificação e caracterização do grupo-alvo

Este projecto terá como público-alvo os pais das crianças que frequentam o Centro Paroquial do Estoril.

O grupo de pais é um grupo bastante diversificado uma vez que, tal como já foi referido, provêm de classes e meios sociais bastante diversificados, tal como costuma acontecer nas IPSS's.

Deste modo, temos pais com bastante recursos e um alto poder económico e temos pais que têm bastantes dificuldades, sendo apoiados por diversas entidades, tais como o Banco Alimentar, o Centro de Emprego e a Segurança Social.

Não obstante, esta dicotomia do acolhimento por parte da instituição de crianças oriundas de famílias abastadas e crianças provenientes de bairros sociais, não deve ser vista como a existência de mais problemas numas crianças do que noutros, só sublinha a existência de realidades familiares, sociais e educacionais diferentes, reflectindo-se esta diferença nos problemas que lhes estão inerentes.

Identificação das condições para o êxito do projecto

Estando há mais de três anos a trabalhar nas instalações do Centro Paroquial do Estoril, vou-me apercebendo das principais críticas e elogios que são feitos ao seu modo de funcionar e agir. Assim, um dos aspectos que ouvi ser referido mais vezes pelas educadoras foi o facto de haver poucas actividades direccionadas para os pais e uma comunicação reduzida entre educadores e pais ou a existência de meios e métodos que não sejam úteis e funcionais como deviam.

Existe vontade dos dois lados (família e escola) para que esta comunicação se altere, aumentando a frequência do contacto entre estas duas realidades e, se possível, a própria qualidade destes contactos, ou seja, não haver encontros para dar recados e avisos mas existir um acompanhamento mais próximo e adaptado à realidade do que existe actualmente.

A comunicação existente é referida como não suficiente, ocorrendo essencialmente, em idas a reuniões e em participação nas festas, o que origina uma falta de oferta de actividades direccionadas para os pais e uma falta de iniciativa de aproximação por parte da escola.

Além disso, e como já foi referido, pode acrescentar-se que o Centro Paroquial do Estoril, encontra-se actualmente numa fase de crescimento o que pode significar uma fase propícia a novidades, alterações e novas propostas, visto que é uma fase de construção e de ajustamento.

Assim, este projecto surge como uma tentativa de inverter a situação da falta de aproximação, unindo pais e educadores em prol duma melhor e mais preparada educação para os seus filhos e educandos, respectivamente. Uma vez que, se pais e educadores trocarem experiências das capacidades, gostos, limitações e medos das crianças e das técnicas que são utilizadas para as fomentar ou ajudar a ultrapassar ou suprimir – consoante o caso -, poderão unir esforços no sentido de adaptarem estas técnicas, de casa à escola e da escola à casa, fazendo um trabalho conjunto com os mesmos objectivos e permitindo que a criança atinja esses objectivos mais rapidamente.

Definição do âmbito temporal

Pretende-se que este projecto seja posto em prática no ano lectivo 2010/2011 (de Setembro de 2010 a Junho de 2011).

Resultados esperados

Espera-se que, com este trabalho, se consiga aproximar a família e a escola, unindo estas duas realidades comuns às crianças, com o intuito de melhorar a educação das crianças.

Deste modo, pretende-se, numa forma mais concreta, que a escola (direcção, educadores, funcionários, ...) esteja mais atenta à participação dos pais nas suas actividades, convidando-os mais vezes e numa forma mais apelativa a estarem presentes nas actividades desenvolvidas ao longo do ano. É ainda necessário que a escola esteja atenta às crianças e às famílias, diagnosticando as dificuldades que existem em casa e nos problemas que, muitas vezes, se reflectem em gestos e acções concretas no dia a dia da criança.

Estes aspectos negativos deverão ser acompanhados pela escola, criando espaços e oportunidade de modo a que os pais aprendam a lidar com esses mesmos problemas.

Além disso, pretende-se também que os pais participem mais activamente nas actividades das escolas, desenvolvendo um trabalho em parceria com as educadoras de infância, construindo propostas e estratégias de intervenção em conjunto. Este trabalho de entreajuda só poderá trazer consequências benéficas para a criança, uma vez que, se as estratégias de educação forem partilhadas nos dois grandes universos em que a criança se encontra (escola e casa), os resultados ocorrerão com mais facilidade e consistência; enquanto que, se as técnicas utilizadas forem díspares, será mais difícil atingir resultados positivos na evolução da criança.

II - Projecto

Apresentação do diagnóstico e definição do problema

Tal como foi referido anteriormente, estando já há alguns anos no Centro Paroquial do Estoril vou ouvindo os pais em discurso directo, manifestando os aspectos positivos mas também sugestões e críticas no sentido de melhorar a instituição que acolhe os seus filhos. Por outro lado, também vou escutando as educadoras, auxiliares e restantes funcionários que trabalham na instituição que alegam a dificuldade que têm em chegar aos pais.

É neste sentido que este projecto surge, como uma forma de aproximar família e escola, uma vez que ambos sentem esse desejo e necessidade.

Para comprovar esta afirmação – deduzida através de conversas informais –, questionaram-se 5 encarregados de educação por sala, o que totaliza 45 encarregados de educação, ou seja, cerca de 25% dos encarregados de educação das crianças que frequentam o Centro. Estes pais foram seleccionados aleatoriamente à entrada ou à saída do Centro, e foram questionados sobre a sua participação na vida escolar dos seus educandos. Para que os pais respondessem às questões apresentadas elaborou-se um pequeno formulário com questões muito breves e directas (**anexo 1**).

Para se compreender o ponto de vista da escola, optou-se por entrevistar o elemento da Direcção que detém o pelouro da educação, uma professora catedrática com bastante experiência no ramo do ensino; a coordenadora pedagógica que além de ser responsável por uma sala, é um dos elos de ligação entre pais e escola, escutando os pais e os seus problemas e dificuldades e transmitindo-lhes o ponto de vista da escola e das respectivas educadoras; e a psicóloga da instituição que está em contacto com as crianças, fazendo observações regulares em todas as salas e sendo uma pessoa especializada na área, podendo esclarecer questões de foro científico em relação à integração e participação dos pais na vida escolar das crianças e estando também em contacto directo com as educadoras e o seu trabalho.

Ao inquirir os pais da importância da presença destes na vida escolar dos seus filhos, todos – sem excepção – referiram que essa presença era essencial. Deste modo, todos os pais têm consciência da relevância que tem a participação activa no dia a dia da criança na escola onde, por vezes, passam mais tempo do que em casa.

Quando os profissionais que trabalham na escola foram inquiridos com a mesma pergunta, a resposta também foi unânime, argumentando que a importância da participação dos pais é fulcral. A psicóloga da instituição afirmou que *«a escola é uma segunda casa para a criança, é onde a criança toma consciência da importância das aprendizagens feitas em casa, é onde a criança aprende outros conceitos importantes para a sua vida como a existência do outro, o espaço dela e do outro, o viver em sociedade, as lutas de poder. É na escola que a criança aprende outras estratégias para a sua vida e também, será um lugar onde a criança terá de passar muitos anos, sendo por isso fundamental um bom trabalho de equipa entre educadoras e família, para impulsionar as crianças no sentido certo. Desta forma, sendo um lugar de extrema importância para o crescimento das crianças, é essencial o trabalho conjunto de família e educadoras, no sentido de estarem em sintonia no que diz respeito ao que se pretende alcançar com a criança. Os pais ajudam a educadora ao transmitirem dificuldade que possam ter em casa e estratégias que lhes pareçam adequadas para lidar com problemas comportamentais da criança na escola, ao mesmo tempo que podem trabalhar em casa problemas comportamentais que a criança tenha na escola.»*

A opinião da coordenadora da instituição também surge na mesma linha, defendendo que *«a função da educadora de infância, numa sala de aula, deve ser a de colaborar com os pais no processo educativo da criança e, apesar de a escola possuir o seu projecto educativo e os pilares dos quais não pretende abdicar, os moldes que pretende inculcar numa criança devem ser sempre partilhados com os pais para que haja um trabalho em comum, ou seja, de modo a que os pais possam acompanhar o trabalho da escola e que as regras sejam aplicadas de forma semelhante em ambos os meios»*.

A Directora Pedagógica não diverge desta opinião referido que *«a escola não tem como papel substituir a família nem a família pode subsistir sem a escola: têm de se complementar entre si. Se os pais estão despertos para a importância*

das reuniões de pais – o que é uma interrogação em aberto –, penso que deverão ser convocados e estimulados para tornar mais efectiva a sua colaboração com a escola na tarefa educativa».

Neste sentido é clara a importância da participação activa dos pais no mundo escolar dos seus filhos. É essencial que a escola não funcione enquanto uma reserva onde os pais podem colocar os seus filhos mas sim enquanto um apoio na educação da criança, uma vez que as alterações do mundo contemporâneo, a nossa sociedade onde somos 'obrigados' a trabalhar mais tempo do que aquele que seria desejável, impede que os pais passem com os filhos o tempo que seria ambicionavam.

As educadoras tornam-se co-responsáveis pela educação da criança que lhes é confiada. Este acto não pode representar uma atitude de abandono, mas sim, um aumento de responsabilidade de ambas as partes uma vez que exige uma maior coordenação entre ambas as realidades, de modo a que estejam em sintonia e que queiram transmitir valores e orientações basilares idênticas. A não verificação deste trabalho de equipa poderá ter consequências na estruturação da criança uma vez que as crianças poderão aproveitar estas falhas de comunicação para serem 'as donas do jogo'.

No entanto, apesar de ser visível que é essencial a participação e a comunicação entre escola e família, é importante que esta comunicação seja especificada.

Muitos pais não se cruzam com a educadora nem ao deixar a criança, nem ao ir buscá-la uma vez que os horários poderão não ser coincidentes contudo, mesmo os que se encontram, estas conversas de circunstância 'nos corredores' não poderão ser muito mais do que a transmissão de recados ou a comunicação de alguma aflição urgente. O acompanhamento continuado, as estratégias utilizadas para a obtenção de determinados resultados, as técnicas utilizadas para combater algumas dificuldades da criança, a transmissão do dia a dia escolar e do dia a dia familiar, terão que ser efectuados num ambiente mais recatado e com mais tempo disponível reservado para escutar o outro.

No Centro Paroquial do Estoril este tempo já existe. Duas vezes por ano existem reuniões gerais de pais seguidas de uma reunião individual entre os pais e a respectiva educadora, com o objectivo dos pais acompanharem o

desenvolvimento escolar das crianças e das educadoras poderem conversar com os pais sobre aspectos que considerem fulcrais para poderem compreender comportamentos das crianças e auxiliarem-nas no seu desenvolvimento.

No entanto, quando os pais foram interrogados sobre a regularidade dessas reuniões, foram perto de 70% dos pais que manifestaram interesse em aumentar o número de reuniões, um número representativo. 45% dos pais questionados referiram a importância de se encontrarem com a educadora de dois em dois meses, enquanto que, para 20% dos inquiridos, a periodicidade trimestral é-lhes suficiente. Só 5% dos pais referiram a necessidade de se encontrarem mensalmente com a educadora.

Através deste dado podemos constatar que os pais encontram-se, efectivamente, preocupados com a educação dos filhos, querendo sentir-se parte integrante deste processo educativo. A psicóloga do Centro sugere a existência de reuniões de sala onde, tal como afirma *«todos os pais poderiam ir e, onde teriam oportunidade de expor as suas dificuldades, havendo uma maior interajuda»*.

Como justificação, argumenta que *«estas reuniões poderiam trazer um maior sentimento de segurança aos pais através da partilha de dúvidas, dificuldades e estratégias, sendo também uma mais valia para a educadora que iria ter espaço para partilhar as suas dificuldades e os seus conhecimentos»*.

As orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar prevêm este trabalho em parceria, afirmando que *“o conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação, nomeadamente, colegas, auxiliares de acção educativa e, também, os pais. Se o trabalho de profissionais em equipa constitui um meio de auto-formação com benefícios para a educação da criança, a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade”* (Silva, 2007: 27).

A escola assume-se, deste modo, com um papel claramente definido como de apoio à família e, conseqüentemente, à educação. Este apoio traduz-se na visão mais clara e tradicional de acolher as crianças nas suas infra-estruturas durante o dia mas, também, de ajudar os pais a encontrarem apoio e informação para as dúvidas e os problemas que têm, tal como é defendido por Stevens *et all*.

(1993: 769): “vários tipos de programas de apoio têm tentado fornecer apoio ambiental na forma de informação relevante e actualizada, assistência na aprendizagem de novos comportamentos, afirmação da capacidade de cada indivíduo para lidar com a situação e perspectivas partilhadas de indivíduos com experiências similares”.

No entanto, esta tarefa é agravada por outro factor que não pode, nem deve ser descurado. Tal como foi referido na caracterização do contexto, o conjunto de crianças que frequenta o Centro Paroquial do Estoril forma um grupo bastante heterogéneo, sendo necessário definir linhas orientadoras que estruturam o caminho que se deve percorrer.

A Directora Pedagógica também aborda esta questão, demonstrando – com alguma ironia – a dificuldade subjacente a esta realidade, afirmando que «*em primeiro lugar, o desenvolvimento da criança é influenciado de forma determinante pela família. Mas temos uma variedade enorme de casos que vão desde as famílias carentes de preparação e de meios, que as tornam menos aptas ao satisfatório exercício das suas funções, às inúmeras situações de instabilidade familiar ou de famílias não estruturadas em que o clima está longe de ser propício ao harmonioso desenvolvimento das crianças. Ora nessas circunstâncias, infelizmente frequentes e muito diversificadas, não se podem ajudar as crianças sem estar disponível para ajudar as famílias. De que modo? Não há receitas genéricas ou estereotipadas*».

A coordenadora defende a importância de reuniões que transmitam aos pais técnicas para colmatar as necessidades concretas com que se deparam no dia a dia das crianças, preparando-os para as exigências com que se vão deparar, tais como, o deixar as fraldas e a chucha, o nascimento de um irmão, urinar na cama, entre outras dificuldade. Caso seja necessário, estas actividades poderiam contar com a presença de identidades externas que possam preparar quer os pais quer os funcionários do Centro para estes e outros problemas.

Em conversas informais com alguns dos pais, percebi que este era um aspecto em que também era necessário apoio e ajuda da parte da escola, precisando do apoio das educadoras e de especialistas, ao nível cognitivo, sobre determinados temas em que não se sentem tão à vontade.

Também a opinião da coordenadora surge neste sentido, uma vez que esta defende que as reuniões podem *«ajudar os pais a estarem preparados para enfrentar os obstáculos com que se deparam diariamente. Imagine um encontro que fale sobre 'como ajudar as crianças a deixarem as fraldas'. Quais as melhores alturas para o fazer, como incentivar a criança, como repreender quando há retrocessos, como fazer durante as noites (...) uma série de situações que se podia fazer de modo a preparar as educadoras e os pais a darem resposta a uma necessidade que é transversal a todas as crianças dessa idade. E, tal como essa necessidade, existem outras semelhantes (...)»*. A psicóloga que apoia as crianças sugere que *«estas reuniões poderiam incidir sobre todo o tipo de problemas como a alimentação, os horários do sono, a utilização das fraldas, a socialização, o brincar e as regras da sala e de casa»*.

Existe ainda uma outra vertente, abordada na citação teórica anteriormente referida, que consiste na troca de experiências entre pais, partilhando problemas e técnicas de como os ultrapassar. Esta opinião é defendida pela coordenadora quando refere que os pais podem aprender uns com os outros, uma vez que *«às vezes, os pais passam por experiências de vida que são uma mais-valia e que os livros e os textos não conseguem transmitir. Muitas vezes a experiência de vida é um meio de aprendizagem essencial (...), fomentar encontros onde pomos os pais a conversarem uns com os outros, só se pode transformar num meio de aprendizagem (...) se for devidamente acompanhado»*. Também a psicóloga comunga desta opinião quando refere que *«estas reuniões poderiam trazer um maior sentimento de segurança aos pais através da partilha de dúvidas, dificuldades e estratégias»*.

A Directora Pedagógica também partilha desta opinião ao afirmar que *«os pais podem aprender uns com os outros, dando-se conta de que não estão sozinhos no que respeita aos problemas que os afectam. Assim, ao partilhar as dificuldades, partilham-se possíveis soluções»*.

Esta teoria é sustentada por Stevens *et al* (1993: 762) quando assume que *“a transmissão de informações entre os adultos sobre a educação dos filhos dentro de sistemas de apoio informal é um mecanismo importante através do qual os indivíduos aprendem a conhecer a função parental”*. Mais à frente demonstra a importância desta metodologia ao referir que *“um apoio instrumental significativo*

que pode ser partilhado entre amigos e familiares é a troca de informações sobre as crianças e a educação das crianças” (ibidem: 768).

Também os pais parecem sentir esta necessidade uma vez que 30% dos pais mencionam a necessidade de se reunirem com frequência com os pais da sala, uma vez que estes sentem as mesmas dificuldades que eles e, esta partilha, ajudá-los-ia a tornarem-se mais qualificados e preparados para lidar com determinadas situações, o que surge, novamente, ao encontro do que referem os autores quando afirmam que *“as transições por que passamos ao longo da vida são períodos de oportunidades específicas e vulnerabilidade que requerem novos comportamentos, impondo muitas vezes pesadas exigências aos recursos, qualificações e capacidades de cada um. A transição para o estado de paternidade/maternidade é um desses períodos chave que necessita de apoio adequado dos vizinhos, amigos, família, profissionais ou instituições” (ib: 769).*

Nas orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar, também surge esta necessidade dos pais estarem em contacto permanente com a escola, uma vez que, se por um lado este contacto favorece a escola que poderá fazer um acolhimento mais individualizado à criança, por outro, *“permite aos pais, criar maior confiança no contexto de educação pré-escolar, também, por vezes, para eles desconhecido. Esta relação inicial será a base de uma comunicação e colaboração a continuar e a aprofundar durante o tempo que a criança frequenta o estabelecimento de educação pré-escola” (Silva, 2007: 88).*

Assim, como nota de conclusão, pode citar-se a afirmação da psicóloga da instituição que defende que *«pais e educadoras estarem em sintonia é vital para um crescimento equilibrado da criança, porque vai transmitir-lhes maior segurança, no sentido que todos estão de acordo com algo que é bom para ela e, por isso, poderá crescer confiante que não terá de lutar para ganhar um lugar em casa ou na escola».*

Deste modo, o problema que este projecto pretende resolver é o afastamento e a pouca comunicação entre os pais e as educadora, sendo necessário criar um projecto que procure colmatar esta necessidade existente no Centro Paroquial do Estoril, criando dispositivos que aproximem a família e a escola.

Finalidade, objectivos e estratégias

Com base em tudo o que foi anteriormente apresentado, pode referir-se que a finalidade deste trabalho é: **Promover a relação entre a família e a escola.**

E é também neste sentido que surge o título **“Família e Escola: Dois mundos, uma finalidade!”** uma vez que existem duas realidades distintas, que se tentará – com este projecto – uni-las e criar espaços de partilha de diálogo, dificuldades e estratégias, favorecendo para que estes dois mundos concorram para os mesmos objectivos e para as mesmas finalidades, aliando esforços e ideias.

Como **objectivos gerais** pode enunciar-se:

- Facultar informações aos pais, através de vários métodos (debates, panfletos, etc.), para que estes possam lidar com os problemas das crianças;
- Proporcionar um espaço de inter ajuda entre os pais, de modo a que se ajudem uns aos outros, a ultrapassar questões com as quais não sabem lidar;
- Permitir que os pais intervenham mais no mundo escolar dos seus filhos, assumindo papéis nas actividades da escola.

Como **objectivos específicos** deve referir-se:

- Realizar uma sessão de debate entre pais, por trimestre, com as questões que os preocupam (três sessões por ano);
- Conseguir reunir 25 pais na primeira sessão;
- Aumentar esse n.º em 20% nas sessões seguintes;
- Aumentar a participação dos pais nas actividades da escola, conseguindo que 90% dos encarregados de educação participem na actividade proposta no projecto;
- Realizar uma formação, por trimestre, com as educadoras, onde se apresente o papel da escola e da família na educação das crianças (três por ano);

- Conseguir que participem 90% das educadoras em cada formação.

Este trabalho possui ainda como **estratégias**:

- Consciencializar todos os educadores responsáveis pela educação das crianças, da importância das actividades que vão ocorrer;
- Sensibilizar pais e educadores para a aproximação de ambos no processo educativo das crianças.

III – Plano de Actividades do Projecto

Ao elaborar o plano de actividades deparamo-nos com uma pequena dificuldade que restringe a construção deste plano. A oferta de actividades aos pais terá que ser comedida, uma vez que os pais não têm disponibilidade para estar frequentemente na escola dos filhos. Deste modo, pretende-se criar actividades que aproximem os pais da escola, mas terá que ser um processo lento e gradual ao longo de todo o ano lectivo.

Ainda nesta linha de raciocínio procurou-se desenvolver actividades que vão ao encontro dos pais, sem estes terem que despende do seu tempo e sem terem que se deslocar até à instituição.

Importa ainda destacar a importância deste capítulo no projecto uma vez que, tal como Guerra (2000: 170) defende *"o plano de actividades descreve, de forma detalhada e sistemática, o que se pretende fazer, quando se pretende fazer, quem será encarregado das diferentes tarefas e quais os recursos necessários para as concretizar"*, sendo por isso um capítulo essencial na organização e estruturação de todo o projecto.

ACTIVIDADE N.º1

Actividade: Aplicação de questionários aos pais

Objectivos:

- Discernir as dificuldades reais e concretas que os pais sentem no processo educativo dos filhos;

Tarefas:

- Elaborar os questionários;
- Aplicar os questionários aos pais;

Método: Aplicação de questionários de resposta rápida.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação e funcionárias da secretaria.

Recursos materiais: Computador, impressora, folhas de papel, secretárias, e cadeiras.

Indicadores de avaliação: Preenchimento dos questionários por parte de 90% dos pais.

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa de preparação;
- Observação da sessão;

ACTIVIDADE N.º2

Actividade: Planificação de encontros de formação

Objectivos:

- Desenvolver um plano de formação com base nas respostas dos questionários;
- Proporcionar um plano de formação que vá ao encontro das necessidades dos pais;
- Estruturar os encontros de modo a serem do interesse geral e colmatem as necessidades aferidas através dos questionários.

Tarefas:

- Analisar as respostas dadas nos questionários;
- Seleccionar temas de fundo para os encontros de formação que correspondam a essas necessidades;
- Escolher convidados especializados para falar dos respectivos temas;
- Elaborar um calendário de actividades;
- Elaborar cartazes de divulgação e fichas de inscrição;

Método: Reuniões de equipa pedagógica, que analisa os questionários e estrutura os encontros de formação.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas e psicóloga.

Recursos materiais: Computador, impressora, folhas de papel, secretárias e cadeiras.

Indicadores de avaliação: Adesão de 25 pais na 1ª reunião.

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa de preparação;

ACTIVIDADE N.º3

Actividade: Realização de encontros de formação

Objectivos:

- Facilitar um espaço e uma oportunidade para os pais poderem esclarecer as dúvidas que têm ao nível de formação;
- Proporcionar a oportunidade para os pais colocarem dúvidas sobre a formação dos seus educandos.

Tarefas:

- Preparar a sala para os encontros de formação;
- Acolher os pais para as actividades.

Método: Realizar um encontro de formação por trimestre.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas e formadores.

Recursos materiais: Computador, projector, cadeiras e microfone.

Indicadores de avaliação: Adesão de 25 dos pais na 1ª reunião e um aumento de 5% nas reuniões seguintes;

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa de preparação;
- Observação da sessão;
- Questionários que meçam o grau de satisfação dos pais.

Observações: Quanto mais informação os pais acumularem no que diz respeito aos métodos de educação, melhor educarão os seus filhos: *“os pais com um conhecimento mais exacto sobre as fases de desenvolvimento da criança são mais consequentes nos cuidados que dispensam aos filhos”* (Stevens, 1993: 762).

ACTIVIDADE N.º 4

Actividade: Preparação das tertúlias de pais

Objectivos:

- Formar uma equipa de preparação das tertúlias;
- Estruturar um conjunto de encontros entre pais de modo a que estes possam trocar experiências entre si;

Tarefas:

- Marcar uma reunião de encarregados de educação com o objectivo de escolher dois representantes dos pais (um elemento da Creche e outro do Jardim de Infância) para, em conjunto com as coordenadoras pedagógicas e o técnico superior em educação, constituírem a equipa de preparação das tertúlias;
- Escolher temas para as várias actividades;
- Calendarizar as actividades;
- Elaborar cartazes e panfletos de divulgação;

Método: Após uma reunião onde seria explicado o que seriam as tertúlias dos pais e seleccionados dois encarregados de educação (um que tenha um filho a frequentar a Creche e outro que tenha um filho a frequentar o Jardim de Infância), formar uma equipa de preparação das tertúlias que dinamize os encontros.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas e representantes dos pais.

Recursos materiais: Computador, impressora, folhas de papel, secretárias e cadeiras.

Indicadores de avaliação: Adesão de, pelo menos, 20% dos encarregados de educação à reunião inicial.

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa de preparação;

ACTIVIDADE N.º 5

Actividade: Tertúlias de pais

Objectivos:

- Proporcionar a oportunidade dos pais trocarem experiências entre si;
- Favorecer a interacção entre pais com o intuito de aprenderem técnicas de ultrapassar as dificuldades;

Tarefas:

- Preparar os espaços onde são realizados as tertúlias;
- Acolher os pais que chegam para a tertúlia;
- Escolher um dinamizador do grupo;

Método: Encontro de encarregados de educação no dia e hora avisados. No primeiro encontro os pais são convidados a formarem um grupo de encarregados de educação, que esteja interessado em partilhar experiências, métodos e técnicas de lidar com as crianças e as dificuldades que lhes são inerentes. Realizar tertúlias de pais de dois em dois meses, num total de cinco por ano.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas, funcionárias da secretaria.

Recursos materiais: Computador, impressora, folhas de papel, secretárias, cadeiras, microfone.

Indicadores de avaliação: Adesão de, pelo menos, 10% dos encarregados de educação e um aumento de 2% nas reuniões seguintes.

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa de preparação;
- Observação da sessão;
- Questionários aplicados aos pais onde se pergunte os temas que se pretendem ver debatidos.

Observações: A escola deverá ser responsável pelo incentivo da partilha de experiências entre pais, favorecendo esta necessidade (Orientações curriculares) (Silva, 2007).

ACTIVIDADE N.º 6

Actividade: Distribuição de panfletos informativos

Objectivos:

- Informar os pais de questões importantes e actuais no desenvolvimento das crianças;
- Facultar informação sem que os pais tenham que despende do seu tempo, deslocando-se à escola.

Tarefas:

- Formação de uma equipa de trabalho composta por técnicos que elaborem os panfletos;
- Recolha de temas onde os pais sintam dificuldade e necessidade de serem instruídos;
- Selecção de temas para os panfletos;
- Recolha de informação teórica de acordo com os temas seleccionados;
- Elaboração dos panfletos;

- Impressão dos panfletos ou envio através de *mailing list* (por correio electrónico tendo esta alternativa menos gastos apesar de não ter um alcance global);
- Distribuição dos panfletos.

Método: Com base nas respostas dadas ao questionário referido na actividade n.º1, elaborar panfletos informativos sobre temas que preocupam os pais, dando sugestões de técnicas que ajudem a ultrapassar alguns problemas com as crianças. Os panfletos chegarão aos pais através do correio electrónico e serão impressos e distribuídos por todos os pais que não têm acesso à internet.

A periodicidade do panfleto é mensal, num total de 10 por ano.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas, psicóloga, técnico informático e funcionárias da secretaria.

Recursos materiais: Computadores com acesso à internet, livros consultados em bibliotecas, folhas, impressoras.

Instrumentos de avaliação:

- Auto-avaliação da equipa responsável pelo projecto.

Observações: A escola deve ser promotora e facilitadora do acesso a informações relevantes para a formação das crianças.

Importa ainda referir que esta actividade tem um custo mais reduzido, uma vez que os panfletos poderão chegar até muitos pais por correio electrónico sendo necessário fazer uma impressão só para os pais que não têm acesso à internet.

ACTIVIDADE N.º 7

Actividade: Vamos ler!

Objectivos:

- Fomentar a participação dos pais nas actividades da escola;
- Promover a relação entre pais e filhos.

Tarefas:

- Organizar 'maratonas' de leitura na biblioteca da escola;
- Sensibilizar os pais para a importância da participação na actividade;
- Fazer uma escala para os dias em que os pais são convidados a irem ler uma história.

Método: Através de uma escala, todos os pais são convidados a irem contar uma história, com os filhos, às outras crianças da sala da criança.

Recursos humanos: Coordenadoras pedagógicas, educadoras e bibliotecária.

Recursos materiais: Livros existentes na biblioteca ou trazidos de casa pelos pais.

Indicadores de avaliação: Participação de, pelo menos, 80% dos pais na actividade.

Instrumentos de avaliação:

- Observação;
- Avaliação da equipa de educadoras da instituição.

Observações: Com esta actividade pretende-se desenvolver a participação dos pais nas actividades diárias da escola, através de uma prática bastante importante que é a leitura de histórias, alcançando um objectivo secundário que é o estímulo à leitura e um combate à iliteracia. Também Stevens *et all.* (1993: 785) afirmam que *“o envolvimento dos pais na educação pré-escolar dos filhos afecta*

significativamente tanto o comportamento dos pais como o desenvolvimento e a educação dos filhos (...) [e que] as intervenções de literacia na família – pais e filhos lendo em conjunto, pais lendo para os filhos e filhos lendo para os pais – são, todas elas, intervenções eficazes para aumentar a literacia, tanto dos pais como dos filhos”.

ACTIVIDADE N.º 8

Actividade: Encontros de formação para as educadoras

Objectivos:

- Fomentar um espírito de trabalho de equipa e entreajuda nas educadoras;
- Proporcionar a oportunidade para as educadoras colocarem dúvidas sobre as formas de diálogo e de comunicação entre família-escola a especialistas.

Tarefas:

- Preparar a sala para os encontros de formação;

Método: Realizar um encontro de formação por trimestre.

Recursos humanos: Técnico superior em Educação, coordenadoras pedagógicas e formadores.

Recursos materiais: Computador, projector, cadeiras e microfone.

Indicadores de avaliação: Adesão de 95% das educadoras em todos os encontros de formação.

IV – Plano de Avaliação

Tal como é defendido por Guerra (2000: 175), o plano de avaliação deve ser estruturado *“em função do desenho do projecto e é acompanhado por mecanismos de auto controlo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajectórias caso estas sejam indesejáveis”*.

Deste modo, há linhas orientadoras que têm que ser definidas como estratégias de avaliação do projecto anteriormente definido.

No que diz respeito à enumeração dos indicadores de execução, devem ser utilizados os indicadores de eficácia, ou seja, avaliar a relação entre os objectivos propostos e os objectivos atingidos; entre as actividades propostas e as actividades realizadas e entre os recursos previstos e os recursos atingidos. Este é o indicador que faz mais sentido na medida em que é necessário verificar se os objectivos iniciais foram atingidos, tendo a presença dos pais que estavam previstos na acção de formação.

Como indicadores de impacto, podemos referir que:

- espera-se que, ao fim de dois anos, haja uma adesão de 60% dos pais nas reuniões de pais propostas;
- espera-se que, ao fim de três anos, existam novas iniciativas de intervenção dos pais, demonstrando a capacidade de iniciativa da parte destes.

Como instrumentos de avaliação devem utilizar-se as observações constantes ao longo de todas as fases do projecto, assim como reuniões trimestrais da equipa responsável pela aplicação destas mesmas actividades e questionários aplicados aos pais.

No que concerne aos participantes na avaliação do projecto, esta deve ser mista, envolvendo uma auto-avaliação efectuada pelos membros da equipa de

trabalho, assim como avaliação feita pelo público-alvo, onde os pais possam referir se as actividades foram ao encontro das expectativas e das necessidades que sentiam.

Em relação à temporalidade e ao calendário da avaliação, esta deve ser uma avaliação de acompanhamento (também conhecida como *on going*), uma vez que o projecto tem várias actividades espaçadas existindo espaço e oportunidade para se afinar os aspectos negativos da actividade, ao nível de incidência, chama-se a este tipo de avaliação uma avaliação processual.

Importa ainda referir que sem a partilha pessoal dos pais é difícil chegar ao final do projecto e avaliar se, o aumento de participação dos pais na vida escolar dos filhos, altera o grau de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Stevens *et al.* (1993: 773) concordam quando afirmam que *“é por vezes complicado fazer a avaliação do efeito dos programas de educação para pais e retirar conclusões sólidas sobre a sua influência directa e indirecta no desenvolvimento da criança”*. No entanto, os autores são firmes ao afirmarem mais à frente que *“os relatórios destes estudos sugerem que os programas para ajudar os pais a ensinar os próprios filhos podem ter efeitos modestos, mas importantes e potencialmente positivos”* (Stevens *et al.*, 1993: 774).

V – Orçamento

Ao apresentar o orçamento deste projecto importa fazer a referência que este projecto não tem um custo elevado, uma vez que bastantes dos profissionais e dos materiais são 'aproveitados' dos já existentes no Centro Paroquial do Estoril. Calculou-se uma média do gasto que estes dariam à instituição para este projecto, mas este valor estará inserido no ordenado habitual.

Importa ainda sublinhar que os valores pagos à hora poderão ser mais reduzidos do que os praticados no mercado o que se prende com o facto do projecto ser desenvolvido numa IPSS.

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º1	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	25h	8€/hora	200€
		Funcionárias da secretaria (2)	10h	4€/hora	80€
Aplicação de questionários aos pais	Sub-total				280€
	Recursos materiais de desgaste	Folhas			5€
		Tinteiros			15€
	Sub-total				20€
	TOTAL	Valor Anual			300€

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º2 Planificação de encontros de formação	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	20h	8€/hora	160€
		Psicóloga	20h	7€/hora	140€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	20h	6€/hora	240€
	Sub-total				540€
	Recursos materiais de desgaste	Folhas			5€
		Cartazes			10€
		Tinteiros			20€
	Sub-total				35€
	TOTAL	Valor Anual			575€

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º3 Encontros de formação	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	25h	8€/hora	200€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	20h	6€/hora	240€
		Funcionárias da secretaria (2)	10h	4€/hora	80€
		Formadores	2h	75€/hora	150€
	Sub-total	3 formações por ano			670€/ formação
TOTAL	Valor Anual			2010€	

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º4 Preparação das tertúlia de pais	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	5h	8€/hora	40€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	5h	6€/hora	30€
	Sub-total	5 tertúlias por ano		70€/tertúlia	350€
	Recursos materiais de desgaste	Folhas			5€
		Tinteiros			15€
	Sub-total	5 tertúlias por ano		20€/tertúlia	100€
	TOTAL	Valor Anual			

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º5 Tertúlia de pais	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	5h	8€/hora	40€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	5h	6€/hora	30€
		Funcionárias da secretaria (2)	5h	4€/hora	20€
	Sub-total	5 tertúlias por ano		90€/tertúlia	450€
	Recursos materiais de desgaste	Folhas			5€
		Cartazes			10€
		Tinteiros			25€
Sub-total	5 tertúlias por ano		40€/tertúlia	200€	
TOTAL	Valor Anual				650€

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º6 Distribuição de panfletos	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	35h	8€/hora	280€
		Psicóloga	35h	7€/hora	245€
		Técnico de informática	2h	7€/hora	14€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	10h	6€/hora	120€
		Funcionárias da secretaria (2)	5h	4€/hora	40€
	Sub-total	10 Elaboração de panfleto/ano		699€/panfleto	6990€
	Recursos materiais de desgaste	Folhas			10€
		Tinteiros			30€
	Sub-total	10 Elaboração de panfleto/ano		40€/formação	400€
	TOTAL	Valor Anual			

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total	
N.º7	Recursos Humanos	Coordenadoras pedagógicas (2)	1h	6€/hora	6€	
		Educadoras	1h	5,50€/hora	5,50€	
		Bibliotecária	1h	4,50€/hora	4,50€	
Vamos ler! ¹	Sub-total	25 pais por sala		16€/pai	400€	
	TOTAL	Valor Anual				400€

¹ Esta actividade tem um valor residual de recursos materiais de desgaste que, por esse motivo, não são contabilizados.

Actividade	Tipo	Descrição	Horas	Valores	Sub-total
N.º8 Encontros de formação para as educadoras	Recursos Humanos	Técnico Superior em Educação	25h	8€/hora	200€
		Coordenadoras pedagógicas (2)	20h	6€/hora	240€
		Formadores	2h	75€/hora	150€
	Sub-total	3 formações por ano		590€/ formação	1770€
	TOTAL	Valor Anual			1770€

Além dos valores referidos anteriormente por cada actividade, existem os valores de recursos materiais de longa duração que têm um só gasto ao longo, pelo que se apresenta a tabela isoladamente das outras.

Tipo	Descrição	Horas²	Valores
Recursos materiais de longa duração	Mobiliário	12,5% / ano	50€
	Material informático: computadores, impressora e projector	25% / ano	430€
	Fotocopiadora	20% / ano	400€
Sub-total	Valor anual		910€

² Valores retirados de acordo com o Decreto Regulamentar n.º 2/90.

Valor final do orçamento:

Actividade/Descrição	Total
N.º1 Aplicação de questionários aos pais	300€
N.º2 Planificação de encontros de formação	575€
N.º 3 Encontros de formação	2010€
N.º4 Preparação das tertúlia de pais	450€
N.º 5 Tertúlia de pais	650€
N.º 6 Distribuição de panfletos	7390€
N.º 7 Vamos ler!	400€
N.º8 Encontros de formação para as educadoras	1770€
Recursos materiais de longa duração	910 €
TOTAL	14.455 €

Conclusão

Ao terminar este trabalho, importa referir que faz todo o sentido que este projecto seja desenvolvido e aplicado uma vez que é fruto duma necessidade real e concreta dos pais das crianças que frequentam o Centro Paroquial do Estoril.

Ao longo do processo de construção deste trabalho fui falando com vários pais e com profissionais que trabalham na instituição e todos, sem excepção, foram unânimes na importância do diálogo entre estas duas realidades: família e escola.

A escola tem assumido um papel preponderante na vida das crianças, deixando de ter unicamente um papel de instrução para assumir uma vertente educacional no sentido mais amplo, transmitindo as competências de nível cognitivo, como é evidente, mas também valores, regras, apoio familiar e afectividade.

Em todo este processo mostra-se evidente que todo o conjunto de regras incutido nas crianças é necessário um entendimento entre pais e escola para que as regras sejam idênticas de modo a conseguir-se atingir resultados com mais eficácia e eficiência.

Além disso, há atitudes e comportamentos que a criança pode evidenciar numa das realidades que só seja explicada pelas rotinas e hábitos que tem na outra realidade, justificando o diálogo existente como forma de percepção de determinados gestos por parte da criança.

Existe ainda outro aspecto que não deve ser descurado que se prende com a necessidade que os pais têm em sentir apoio da parte das educadoras para determinadas acções. Apesar de serem pais, por vezes, querem uma garantia de alguém que tenha estudado sobre o desenvolvimento das crianças, de alguém que tenha fundamentação para se sentir seguros a tomar determinadas atitudes. Por este motivo, desejam conversar com a educadora para que esta lhes explique determinado comportamento sendo ainda necessário apostar na formação dos pais ao nível da psicologia educacional e do desenvolvimento para que os pais se sintam mais seguros nas decisões que tomam.

Como critica a este trabalho julgo que o diagnóstico que o fundamenta poderia estar mais desenvolvido uma vez que, algumas das informações foram

também fruto de conversas informais não estando devidamente registadas ou transcritas.

Não obstante, penso que existe conteúdo suficiente que justifique a pertinência deste projecto nesta instituição em particular.

Julgo ainda que o plano de actividades que é proposto neste projecto vai ao encontro destas necessidades, dando a resposta que pais e profissionais necessitam para sentirem apoio na rotina e no dia a dia.

A nível pessoal posso referir que a elaboração deste relatório contribui para algumas aprendizagens a nível académico e profissional.

Apesar de fazer parte do senso comum a importância da ligação entre família e escola, a fundamentação teórica ajuda-nos a perceber aspectos educacionais que não estavam claros anteriormente, compreendo o porquê da importância deste diálogo.

Ao nível prático, a construção de um projecto, faz-nos apercebermo-nos dos problemas reais em unir pais e educadoras, problemas como o tempo, as horas comuns e disponíveis e as actividades que poderão conduzir às finalidades que pretendemos.

Ao terminar este projecto, fico ainda mais sensibilizado para a importância que estas actividades têm quer na rotina escolar, quer como veículo essencial para favorecer as aprendizagens das crianças.

Para concluir, há uma mais valia neste projecto que deverá ser referida que se prende com os custos reduzidos necessários para aplicar este projecto, uma vez que, tal como é referido no orçamento, grande parte dos recursos humanos envolvidos neste projecto são profissionais que já fazem parte da instituição não tendo, por este motivo, um valor acrescido.

Bibliografia

Almeida, A. N. (2005). *O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate*. In: *Análise social*, vol. 40, n.º 176.

Almeida, A. P. (2004). *Participação dos Pais na Vida da Escola e no Acompanhamento dos Filhos*. In: Miguéns, M. I. (coord.) (2005). *Educação e Família (actas de um seminário realizado em 27 de Maio de 2004)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Asseiro, J. (2004). *Participação dos Pais na Vida da Escola e no Acompanhamento dos Filhos – A Perspectiva de uma Associação de Pais*. In: Miguéns, M. I. (coord.) (2005). *Educação e Família (actas de um seminário realizado em 27 de Maio de 2004)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Avelino, O. (2004). *Participação dos Pais na Vida da Escola e no Acompanhamento dos Filhos – A Importância da Sintonia e da Coerência*. In: Miguéns, M. I. (coord.) (2005). *Educação e Família (actas de um seminário realizado em 27 de Maio de 2004)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Batalha, C. (1999). *A formação enquanto agente de mudança*. *Formar*, n.º 31, pp.37-48.

Canário, R. (2000). *Educação de Adultos: um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

Carvalho, C.; Boléo, M. L.; Nunes, T. (2006). *Cooperação Família-Escola – Um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*. Lisboa: Acime – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Castillo, A. G. (2000). Desarrollo de la personalidad infantil: implicación de padres y profesores. In: Fontaine, A. M. (Coord.) *Parceria Família-escola e desenvolvimento da criança (= Partenariado familia-escuela y desarrollo de los niños)*. Porto: Edições Asa.

Coll, C., Palacios, S. , Marchasi, A. (org) (1993). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas. Pp. 265-280

Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho

Delors, J. (Coord.) (1996). Educação um Tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. *Os quatro pilares da educação*. 7ª Edição. Porto: Edições ASA.

Freire, P. (1997). *Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós no fazemos*. In: *Política e Educação*. São Paulo: Editora Cortez. Pp. 79-88.

Freire, P. (2005). *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Paz e Terra. 41ª Edição.

Gimeno Sacristán, J. (2003). O reencontro com um paradigma perdido. *Educar e conviver na cultura global*. Porto: Edições Asa. Pp: 25-38.

Giordan, A. (1998) *Aprender*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção: Horizontes Pedagógicos.

González, D. S. (2005). Família, Escuela y Fracaso Escolar. In: López, M. T. L. (coord.) *La familia en el proceso educativo*. Madrid: Fundación Acción Familiar: Ediciones Cinca.

Guerra, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.

Herrero, V. P. (2005). *La participación de las familias en los centros educativos. Alguns pasos dados. Mucho camino por recorrer*. In: López, M. T. L. (coord.) *La familia en el processo educativo*. Madrid: Fundación Acción Familiar: Ediciones Cinca.

Magalhães, G. M. (2007). *Modelo de colaboração, Jardim-de-infância / Família*. Colecção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Marujo, H. À.; Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (1998). *A Família e o sucesso escolar*. 4ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.

Neto, L. M. (2004). Para além da Análise Sistémica: Excepções, Soluções e “Milagres” na Relação Família-Escola. In: Miguéns, M. I. (coord.) (2005). *Educação e Família (actas de um seminário realizado em 27 de Maio de 2004)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Nogueira, M. A. (2005). *A relação família-escola na contemporaneidade: fenómeno social/interrogações sociológicas*. In: *Análise social*, vol. 40, n.º 176.

Portugal, G. (2000). Subsídios para a compreensão das inter-relações criança-família-creche. In: Fontaine, A. M. (Coord.) *Parceria Família-escola e desenvolvimento da criança (= Partenariado familia-escuela y desarrollo de los niños)*. Porto: Edições Asa.

Rasines, E. M. (2005). La familia en el desarrollo de una sociedad.... In: López, M. T. L. (coord.) *La familia en el processo educativo*. Madrid: Fundación Acción Familiar: Ediciones Cinca.

Rigolet, S. A. (2006). *Organizar e gerir Reuniões de Pais – como criar parcerias no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.

Silva, M. I. (coord.) (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica. Núcleo da Educação Pré-Escolar.

Sprinthall, N. e Sprinthall e R. (1993). Aprendizagem da Teoria. *Psicologia Educacional*. Amadora: McGraw-Hill.

Stevens, J.; Hough, R.A.; Nurss, J.R. (1993). A Influência dos pais no desenvolvimento e educação das crianças. In: Spodek, B. (org.) *Manual de investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teixeira, L. R. F. (2006). *Desenvolvimento Pessoal e Social da Criança, na Família e na Escola. Convergência ou Divergência?* Covilhã: Universidade da Beira Interior – Departamento de Psicologia e Educação.

Torres, J. A. M. (2005). Família y Educacion. In: López, M. T. L. (coord.) *La familia en el proceso educativo*. Madrid: Fundación Acción Familiar: Ediciones Cinca.

Anexos

Anexo I – Questionário aplicado aos pais

Mãe	<input type="checkbox"/>	Pai	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Sala _____

1. Considera que as reuniões de pais são importantes no desenvolvimento do/a seu/sua filho/a? Sim Não
Porquê? _____

2. Que periodicidade julga que deveriam ter? _____

3. Que 'estilo' deveriam seguir?

Anexo II - Guião de entrevista à representante da Direcção na área da Educação

Temas	Objectivos	Questões	Notas
A. Ligação: Família e escola	Perceber a opinião da entrevistada no que diz respeito à interacção entre a família e a escola.	1. A ligação entre a família e a escola é importante? Porquê?	A opinião da entrevistada numa forma generalizada.
		2. Como é que acha que se pode realizar esta interacção?	
		3. Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção?	
B. Actividades de interligação na Instituição	Conhecer as iniciativas da instituição no âmbito da interacção entre pais e famílias.	1. Que actividades são realizadas com os pais? E para os pais? Considera que a relação existente entre esta instituição e as famílias é suficiente? Porquê?	
		2. Que actividades são realizadas com os pais? E para os pais?	
	Analisar a avaliação que a escola faz à participação dos pais nessas mesmas actividades.	2. De um modo geral como avalia a participação dos pais nessa mesma actividade?	
	Recolher informações e opiniões que possam ser utilizadas posteriormente na elaboração do projecto.	4. Acha que poderiam existir mais actividades propostas aos pais? Quais?	Pedir que indique tipos de actividades que possam ser realizadas.
		5. Acha que a forma como estas são apresentadas e divulgadas, é um aspecto essencial para que os pais adiram?	Recolher ideias para a apresentação do projecto aos pais.
C. Preocupações e aspirações	Identificar a importância que a Instituição atribui a este assunto.	1. Como membro da Direcção do Centro Paroquial do Estoril, qual a importância que é dada a esta relação entre pais e filhos?	Perguntar se costuma existir referência à participação dos pais no projecto Educativo. Se é um assunto debatido nas reuniões de Direcção.
		2. Tenta-se que exista um maior (ou mais completo) leque de actividades direccionadas para os pais? Ou com o pais?	Pedir exemplos.
	Constatar se são feitos esforços no sentido de fazer convergir os objectivos da Família e Escola.	3. Têm conhecimento das famílias tentarem envolver-se mais nas actividades da escola?	Pedir exemplos.

Anexo III - Guião de entrevista à psicóloga do Centro Paroquial do Estoril

Temas	Objectivos	Questões	Notas	
A. Ligação: Família e escola	Perceber a opinião da entrevistada no que diz respeito à interacção entre a família e a escola.	1. Considera que é essencial a ligação entre a família e a escola? Porquê?	A opinião da entrevistada numa forma generalizada, do ponto de vista da Psicologia.	
		2. Como é que acha que se pode realizar esta interacção?		
		3. Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção?		
B. Actividades de interligação na Instituição	Conhecer as iniciativas da instituição no âmbito da interacção entre pais e famílias.	1. Considera que a relação existente entre esta instituição e as famílias é suficiente? Porquê?		
		2. Que actividades são realizadas com os pais? E para os pais?		
	Analisar a avaliação que a escola faz à participação dos pais nessas mesmas actividades.	3. De um modo geral como avalia a participação dos pais nessa mesma actividade?		
		Recolher informações e opiniões que possam ser utilizadas posteriormente na elaboração do projecto.	4. Acha que poderiam existir mais actividades propostas aos pais? Quais?	Que tipos de actividades? Quais as suas vantagens?
			5. Acha que a forma como estas são apresentadas e divulgadas, é um aspecto essencial para que os pais adiram?	Recolher ideias para a apresentação do projecto aos pais.
C. Vantagens das actividades na escola	Identificar as vantagens numa maior relação entre a família e a instituição.	1. Como psicóloga contacta de perto quer com as crianças, quer com os pais. Acha que há problemas que poderiam ser minimizados ou erradicados se os pais se envolvessem mais no que é inculcido na escola?	Pedir exemplos da importância dos pais estarem presentes.	
		2. E a escola deveria/poderia envolver-se mais na realidade familiar?	Pedir exemplos.	
	Enunciar métodos e estratégias para desenvolver as actividades de relação entre pais e escola.	3. Que estratégias sugere para que haja uma maior e mais eficaz comunicação entre estas duas realidades?	Recolher aspectos para serem posteriormente utilizados na elaboração do projecto.	
		4. Em que aspectos ou temas acha que deviam incidir mais estas actividades?		

Anexo IV - Guião de entrevista à coordenadora pedagógica do Centro Paroquial do Estoril

Temas	Objectivos	Questões	Notas		
A. Ligação: Família e escola	Perceber a opinião da entrevistada no que diz respeito à interacção entre a família e a escola.	1. Considera que é essencial a ligação entre a família e a escola? Porquê?	A opinião da entrevistada numa forma generalizada, do ponto de vista da Educadora.		
		2. Como é que acha que se pode realizar esta interacção?			
		3. Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção?			
B. Actividades de interligação na Instituição	Conhecer as iniciativas da instituição no âmbito da interacção entre pais e famílias.	1. Considera que a relação existente entre esta instituição e as famílias é suficiente? Porquê?			
		2. Que actividades são realizadas com os pais? E para os pais?			
	Analisar a avaliação que a escola faz à participação dos pais nessas mesmas actividades.	3. De um modo geral como avalia a participação dos pais nessa mesma actividade?			
		Recolher informações e opiniões que possam ser utilizadas posteriormente na elaboração do projecto.		4. Acha que poderiam existir mais actividades propostas aos pais? Quais?	Que tipos de actividades? Quais as suas vantagens?
				5. Acha que a forma como estas são apresentadas e divulgadas, é um aspecto essencial para que os pais adiram?	Recolher ideias para a apresentação do projecto aos pais.
C. Vantagens das actividades na escola	Identificar as vantagens numa maior relação entre a família e a instituição.	1. Como coordenadora e educadora lida de bastante perto com os pais e com as crianças. Que problemas é que estas actividades poderiam ajudar a resolver?	Pedir exemplos da importância dos pais estarem presentes.		
		2. E a escola deveria/poderia envolver-se mais na realidade familiar?	Pedir exemplos.		
	Enunciar métodos e estratégias para desenvolver as actividades de relação entre pais e escola.	3. Que estratégias sugere para que haja uma maior e mais eficaz comunicação entre estas duas realidades?	Recolher aspectos para serem posteriormente utilizados na elaboração do projecto.		
		4. Em que aspectos ou temas acha que deviam incidir mais estas actividades?			

Anexo V – Transcrição da entrevista à representante da Direcção na área da Educação responsável pela área Educativa

Bom dia, tal como lhe tinha explicado anteriormente, estou a elaborar um projecto no sobre a relação entre a família e a escola, no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização de Formação de Adultos. Neste sentido precisava de lhe fazer algumas questões para compreender um pouco melhor a realidade do Centro.

Entrevistador: Na sua opinião a ligação entre a família e a escola é um aspecto essencial?

Direcção: Considero que sim, a ligação entre a família e a escola é um aspecto que não pode ser descurado no processo educativo de uma criança, dado que a educação da criança é responsabilidade conjunta da família e da escola, é neste sentido que as reuniões com os pais são uma peça fulcral na complexa e delicada articulação das acções dos múltiplos intervenientes. Sabemos que as crianças vivem na escola muitas horas do seu dia e que a maior ou menor disponibilidade dos pais para as atenderem e seguirem dependem de circunstâncias variáveis, decorrentes em grande medida da actual organização da vida social.

E: Como é que se pode realizar esta interacção?

D: Bem... para começar a escola tem um Projecto Educativo que só pode ser plenamente levado a cabo com a colaboração da família e a família espera da escola que esta proporcione às suas crianças as actividades e as experiências (cognitivas, afectivas, lúdicas) de que elas precisam para crescer. Além das orientações fundamentais do Projecto Educativo do C.P.E., há o Projecto Pedagógico em que se destaca uma temática comum para todas as valências e que é desenvolvido pelos educadores de acordo com as características, os interesses e os níveis de desenvolvimento das diferentes salas. É muito importante que os pais estejam a par de tudo o que se passa na escola, tenham uma palavra a dizer e sejam chamados a colaborar nos moldes julgados

convenientes. Noutra plano, ao qual porventura não se tem dado o devido ênfase, há um conjunto de rotinas e de regras que fazem parte desse quotidiano educativo, como, por exemplo, a pontualidade. O que exige uma tomada de consciência por parte dos pais.

E: Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção?

D: Penso que quando existe esta interacção entre escola e família ficam todos a ganhar. Ganham os pais porque ficam mais informados do desenvolvimento dos filhos e do que este fazem no seu dia a dia; ganham a escola porque os pais estão envolvidos na escola, criando menos conflitos; e finalmente mas nada menos importante, ganham as crianças porque têm os pais perto deles e porque as actividades que são preparadas vão ao encontro das suas necessidades.

E: Que actividades são realizadas para os pais? E com os pais...

D: Bem, actualmente não tantas como as que desejaríamos. Temos duas ou três reuniões anuais com os pais. Reuniões gerais ou seja onde todos os pais da instituição são convidados a estarem presentes seguidas de um momento de encontro por sala. Nesse encontro são marcadas reuniões individualizadas entre a educadora e os pais de cada criança.

Além disso, convidamos os pais para dias mais marcantes, como o dia do Pai, o dia da Mãe, a Festa de Natal ou a de Encerramento e outros dias que se considerem igualmente importantes.

E: Como avalia a participação dos pais nestas actividades já existentes?

D: Acho que é como em qualquer outro lado... Temos pais muito interessados e que gostam de partilhar. E pais que não estão muito interessados e que não se preocupam...

E: E como é que acha que estes podem ser mais estimulados a participarem nestas actividades?

D: Para cativar os pais para a importância destas reuniões, há que mobilizar todos os recursos ajustados ao pretendido. Fazer a publicidade utilizando de preferência os contactos directos, mas sobretudo proporcionar acções de qualidade que levem as pessoas a sentir que não perdem o seu tempo. Investir o melhor esforço no sentido de corresponder à reflexão e ao diálogo de que os pais e a escola precisam. Ao falarmos de escola, referimo-nos mais especificamente à nossa pré-primária (Creche e Jardim de Infância) e ao A.T.L.

E: Considera que a relação existente entre esta instituição e as famílias é suficiente? Porquê?...

D: Bem... eu acho que nós nunca achamos que é suficiente, não é? (risos)...

Tenho dificuldade em fazer um levantamento objectivo e rigoroso das eventuais fragilidades desta instituição. À partida, a avaliação dominante é o reconhecimento de um importante caminho percorrido no sentido do melhor! Actualmente temos mais crianças, temos mais salas, temos um melhor aproveitamento dos espaços. Mas sobretudo temos uma mudança significativa na qualidade do empenhamento e das prestações de serviço dos que aqui trabalham, desde os educadores, aos auxiliares e a todos os demais. Penso que havia antes uma grande heterogeneidade nas crianças que frequentavam o Centro Paroquial do Estoril, no que respeita ao estrato socio-económico das respectivas famílias, e que essa diversidade se mantém, não obstante haver actualmente uma clara procura do nosso Centro por parte de muitos pais de todos os meios sociais e com um leque muito abrangente de habilitações díspares. Essa heterogeneidade é uma mais-valia e é daí que devemos pensar a relação família-escola. Mas acho que esta relação poderia evoluir e melhorar...

E: Como membro da Direcção do Centro Paroquial do Estoril, qual a importância que é dada a esta relação entre pais e filhos?

D: A escola não tem como papel substituir a família nem a família pode subsistir sem a escola: têm de se complementar entre si. Se os pais estão despertados para a importância das reuniões de pais – o que é uma interrogação em aberto -, penso que deverão ser convocados e estimulados para tornar mais efectiva a sua colaboração com a escola na tarefa educativa.

Além disso, é importante dizer que, em primeiro lugar, o desenvolvimento da criança é influenciado de forma determinante pela família. Mas temos uma variedade enorme de casos que vão desde as famílias carentes de preparação e de meios, que as tornam menos aptas ao satisfatório exercício das suas funções, às inúmeras situações de instabilidade familiar ou de famílias não estruturadas em que o clima está longe de ser propício ao harmonioso desenvolvimento das crianças. Ora nessas circunstâncias, infelizmente frequentes e muito diversificadas, não se podem ajudar as crianças sem estar disponível para ajudar as famílias. De que modo? Não há receitas genéricas ou estereotipadas.

E: Tenta-se que exista um maior ou mais completo leque de actividades direccionadas para os pais?

D: Tal como lhe disse anteriormente, temos esse desejo, sim....

E: E que actividades é que acha que poderiam ser desenvolvidas?

D: A questão principal parece-me ser precisamente essa, o tipo de reuniões a promover para corresponder às expectativas e necessidades dos pais. Em termos muito concisos, penso que deve haver dois tipos de reuniões de pais: reuniões mais ou menos alargadas (Creche e/ou Jardim de Infância, por exemplo), sobre temas de interesse geral, com ou sem animadores convidados; e reuniões restritas, incidindo sobre questões mais concretas e particulares de uma determinada sala...

Mas nenhuma destas reuniões dispensa as reuniões regulares de atendimento do/a educador/a com os encarregados de educação de cada criança.

As reuniões deverão ser programadas atempadamente, anunciados os respectivos conteúdos e estruturadas de forma equilibrada (tempos de exposição, debate, conclusões). Além disso, acho ainda que os pais podem aprender uns

com os outros, dando-se conta de que não estão sozinhos no que respeita aos problemas que os afectam. Assim, ao partilhar as dificuldades, partilham-se possíveis soluções.

E: Gostaria de acrescentar algum aspecto que considere importante?

D: Acrescentaria apenas uma nota que considero essencial: a vocação educativa do Centro Paroquial do Estoril, de acordo com os seus estatutos (como IPSS dependente do Patriarcado de Lisboa), privilegia a abertura a todos os meios de formação que possam servir o desenvolvimento e o bem estar das comunidades em que se insere. Nessa óptica, as reuniões de pais são da maior relevância.

E: Agradeço-lhe, então, uma vez mais a sua disponibilidade e colaboração.

Anexo VI – Transcrição da entrevista à psicóloga do Centro Paroquial do Estoril

Bom dia, tal como lhe tinha explicado anteriormente, estou a elaborar um projecto no sobre a relação entre a família e a escola, no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização de Formação de Adultos. Neste sentido precisava de lhe fazer algumas questões para compreender um pouco melhor a realidade do Centro.

Entrevistador: Na sua opinião a ligação entre a família e a escola é um aspecto essencial?

Psicóloga: Os pais são o espelho da criança, o que significa que é através dos comportamentos dos pais para com os outros e para com a criança, que a criança aprende tudo, desde falar, vestir-se, comer, socializar, a importância das regras, mas sobretudo, deverá ser no seio familiar que a criança sente afecto, que é a base da confiança que a criança precisa para ser capaz de aprender e de se tornar autónoma. Esta confiança vai transformar-se na auto-estima da criança, e auto-estima é a capacidade que a criança tem em socializar, aprender e construir durante a sua vida.

Infelizmente, o conceito de família tem vindo a modificar-se, e existem cada vez mais famílias separadas e crianças que em vez de ficarem com os pais ficam com os avós, os tios ou as avós. Independentemente disto, o pai e a mãe continuam a ser o pilar para a criança, e nestes casos mais complexos, o importante é os pais estarem seguros da sua decisão para conseguirem transmitir isso aos filhos, evitando assim entrar pela via mais fácil de dar demasiadas coisas às crianças, o que não ajuda na sua educação, não só porque lhe retira confiança, como autonomia e dá-lhes uma noção do mundo e da vida que não corresponde à realidade.

E: Como é que se pode realizar esta interacção?

P: Os pais podem ajudar os filhos acompanhando-os diariamente na realização de tarefas que sejam propostas pela escola, ou tarefas em casa, que os ajudem a aprender a cumprir regras e a aprender o conceito de resolução de problemas, o que irá ajudar na aquisição de comportamentos mais adequados, menos agressivos. Este acompanhamento deverá ser feito no sentido de, progressivamente, os pais deixarem a criança tornar-se mais autónoma, pois esta autonomia e sentido de responsabilidade ajudam a que haja uma boa adequação a nível de crescimento e do desempenho escolar, pois a criança terá maior facilidade e vontade de aprender.

Outro aspecto importante são a alimentação e os horários do sono, que são dois aspectos fundamentais para um melhor desempenho na escola.

Essencialmente os pais precisam de ter tempo para estar com os seus filhos, para lhes poder transmitir tudo o que é fundamental para o crescimento saudável da criança.

E: Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção? De que modo é que o trabalho de equipa entre educadoras e a família pode influenciar a educação duma criança?

P: A escola é uma segunda casa para a criança, é onde a criança toma consciência da importância das aprendizagens feitas em casa, é onde a criança aprende outros conceitos importantes para a sua vida como a existência do outro, o espaço dela e do outro, o viver em sociedade, as lutas de poder (simplesmente com frases do tipo: “este brinquedo é meu e não é teu”). É na escola que a criança aprende outras estratégias para a sua vida, e também será um lugar onde a criança terá de passar muitos anos, sendo por isso fundamental um bom trabalho de equipa entre educadoras e família, para impulsionar as crianças no sentido certo.

Desta forma, sendo um lugar de extrema importância para o crescimento das crianças, é essencial o trabalho conjunto de família e educadoras, no sentido de estarem em sintonia no que diz respeito ao que se pretende alcançar com a criança. Os pais ajudam a educadora ao transmitirem dificuldades que possam ter em casa e estratégias que lhes pareçam adequadas para lidar com problemas

comportamentais da criança na escola, ao mesmo tempo que podem trabalhar em casa problemas comportamentais que a criança tenha na escola.

Pais e educadoras estarem em sintonia é vital para um crescimento equilibrado da criança, porque vai transmitir-lhe maior segurança, no sentido que todos estão de acordo com algo que é bom para ela, e por isso poderá crescer confiante que não terá de lutar para ganhar um lugar em casa ou na escola.

E: Neste Centro que actividades são realizadas para os pais? E com os pais...

P: Neste Centro os pais têm possibilidade de reunir com as educadoras com alguma frequência, por vezes participam em algumas actividades (como por exemplo, o “bom dia”). Os pais são também convidados a participarem em algumas festas realizadas pelo Centro.

E: Como avalia a participação dos pais nestas actividades já existentes?

P: Penso que quando há propostas que são feitas directamente aos pais, estes acabam por aderir. Alguns com mais entusiasmo, outros nem tanto. Mas acho que todos acabam por se envolver nas actividades.

E: E o que acha que poderia ser alterado no Centro?

P: Poderia ser benéfico, a longo prazo reuniões gerais de sala, onde todos os pais poderiam ir, e onde teriam oportunidade de expor as suas dificuldades, e onde poderia haver uma inter-ajuda. Por um lado, estas reuniões poderiam trazer um maior sentimento de segurança aos pais através da partilha de dúvidas, dificuldades e estratégias, mas seria também uma mais-valia para a educadora que iria ter espaço para partilhar as suas dificuldades e os seus conhecimentos.

E: Considera que a relação existente entre esta instituição e as famílias é suficiente? Porquê?...

P: Para além do que sugeri anteriormente, parece-me que já existe uma grande abertura no Centro no que diz respeito a reuniões de pais.

E: Como psicóloga, que problemas é que acha que estas reuniões poderiam ajudar a resolver?

P: Estas reuniões poderiam incidir sobre todo o tipo de problemas como a alimentação, os horários do sono, a utilização das fraldas, a socialização, o brincar, e as regras da sala e de casa.

E: E a escola deveria envolver-se mais na realidade familiar?

P: Penso que, tal como referi anteriormente, tem que se ter um certo cuidado neste envolvimento. Os pais continuam a ser o pilar da criança e não podem ser que a sua intimidade está a ser invadida. Tem que haver um certo equilíbrio nestas actividades. No entanto, é claro e inequívoca a participação e a importância que a escola tem para os pais. Este é um aspecto que os pais não descurem e que é tido em consideração.

E: Que estratégias sugere para que haja uma maior e mais eficaz comunicação entre estas duas realidades?

P: Penso que as reuniões que sugeri anteriormente já seria um passo bastante importante na aproximação e na melhoria desta comunicação.

E: Gostaria de acrescentar mais algum aspecto que considere fundamental?

P: Não, penso que já foi tudo referido anteriormente.

E: Então, agradeço-lhe uma vez mais a sua disponibilidade e colaboração.

Anexo VII – Transcrição da entrevista à coordenadora pedagógica do Centro Paroquial do Estoril

Boa tarde, tal como lhe tinha explicado anteriormente, estou a elaborar um projecto no sobre a relação entre a família e a escola, no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização de Formação de Adultos. Neste sentido precisava de lhe fazer algumas questões para compreender um pouco melhor a realidade do Centro.

Entrevistador: Na sua opinião a ligação entre a família e a escola é um aspecto essencial?

Coordenadora Pedagógica: Na minha opinião é um aspecto fulcral que não pode ser descurado. A ligação entre nós e os pais das crianças que nos são confiadas é um aspecto que interfere com o dia a dia da nossa sala.

Primeiramente é importante que os pais confiem em nós, que sintam que nós somos capazes de tomar conta dos filhos deles. Se eles não nos conhecerem, se não falarem connosco, se nunca nos virem... não vão poder confiar em nós, não é? (risos). Depois, porque as próprias crianças sentem se existe esta ligação entre nós e os pais delas e é visível que o desempenho deles se altera quando os pais estão presentes ou quando estão mais envolvidos.

E: Como é que se pode realizar esta interacção?

CP: Um dos meios essenciais para esta interacção são as reuniões de pais, que são bastante importantes para o desenvolvimento das crianças e são uma forma de feedback do trabalho da sala de uma Educadora.

A função da educadora de infância numa sala deve ser a de colaborar com os pais no processo educativo da criança e, apesar de a escola possuir o seu projecto educativo e os pilares dos quais não pretende abdicar, os moldes que pretende incutir numa criança devem ser sempre partilhados com os pais para que haja um

trabalho em comum, ou seja, de modo a que os pais possam acompanhar o trabalho da escola e que as regras sejam aplicadas de forma semelhante em ambos os meios.

E: Que vantagens ocorrem quando existe esta interacção? De que modo é que o trabalho de equipa entre educadoras e a família pode influenciar a educação duma criança?

CP: Penso que, de uma forma geral, pode afirmar-se que a criança fica mais estimulada com a participação e a presença dos pais na escola.

E: Neste Centro que actividades são realizadas para os pais?

CP: Os pais são convidados a participarem nalgumas festas que temos ao longo do ano, estão presentes nas salas nalguns momentos pontuais e são convocados para algumas reuniões ao longo do ano, infelizmente, só umas duas ou três. Além disso, as educadoras têm ainda uma hora semanal destinada ao atendimento aos pais.

E: Neste sentido, pensa que seria mais benéfico a existência de mais reuniões de pais?

CP: Julgo que sim... As reuniões de pais, tal como disse, são um meio essencial para se chegar junto dos pais. E julgo que seria importante a existência de reuniões com mais regularidade.

E: Como avalia a participação dos pais nestas actividades já existentes?

CP: Nas reuniões que existem ao longo do ano os pais, de um modo geral, acabam por aderir. Assim como nas festas de Natal e de encerramento. No entanto, outras actividades mais opcionais, por assim dizer, têm mais dificuldade. Por exemplo, são muito poucos os pais que vêm à hora de atendimento semanal.

E: E o que acha que poderia ser alterado no Centro?

CP: Actualmente, as nossas reuniões de pais começam com um momento em comum, com todos os pais para se dar avisos e indicações futuras e num segundo momento os pais reúnem-se com as respectivas educadoras na sala para conhecerem a sala ou para verem trabalhos espostos e para marcarem reuniões individuais.

Penso que era importante a existência de reuniões para transmitir informações actuais sobre o modo como se deve educar as crianças e os principais problemas: dislexia, hiperactividade, como impor regras, como preparar a chegada de irmãos... enfim, temas actuais, temas que preocupam os pais que não sabem onde encontrar informações sobre esses temas, com pessoas especializadas e preparadas para responder a questões preparando pais e educadoras para enfrentar as dificuldades reais e concretas das crianças.

Acho que até seria interessante se estas reuniões fossem seguidas de pequenos grupos de trabalho onde os pais pudessem trocar opiniões uns com os outros sobre estes temas.

E: Como coordenadora e, também, enquanto educadora, que problemas é que acha que estas reuniões poderiam ajudar a resolver?

CP: Acho que podia ajudar os pais a estarem preparados para enfrentar os obstáculos com que se deparam diariamente. Imagine um encontro que fale sobre 'Como ajudar as crianças a deixarem as fraldas!' Quais as melhores alturas para o fazer, como incentivar a criança, como repreender quando há retrocessos, como fazer durante as noites... Já viu? Uma série de coisas que se podia fazer de modo a preparar as educadoras e os pais a darem resposta a uma necessidade que é transversal a todas as crianças. E, tal como essa necessidade, existem outras

semelhantes: a importância da chucha e quando a deixar, as relações com as outras crianças, as diferenças entre rapazes e raparigas, uma série de coisas...

E: À pouco falou de interacção entre pais e educadoras, em grupos de trabalho. Acha que os pais podem aprender uns com os outros?

CP: Acho que sim, acho que todos temos a aprender uns com os outros, diariamente...

E: E em que medida?

CP: Hum... às vezes os pais passam por experiências de vida que são uma mais-valia e que os livros e os textos não conseguem transmitir. Muitas vezes a experiência de vida é um meio de aprendizagem essencial, tal como muito pedagogos o transmitiram.

Nesta linha de raciocínio, fomentar encontros onde pomos os pais a conversarem uns com os outros, só se pode transformar num meio de aprendizagem. Isto, claro, se for devidamente acompanhado porque, por vezes, encontra-se a outra face da medalha, ou seja, acreditar em tudo o que nos dizem, mesmo o que é uma situação pontual e sem credibilidade.

Deste modo, é necessário que estes encontros sejam acompanhados e mediados mas a sua faceta de aprendizagem não pode, nem deve ser descurada enquanto complemento do que é ouvido, transmitido e ensinado.

E: Gostaria de acrescentar mais algum aspecto que considere fundamental?

CP: Não, penso que não... Só acho que, efectivamente, os pais merecem ser escutados para se apurar as necessidades que eles têm e o que sentem que precisam de aprender de modo a que qualquer formação que possa existir vá ao

encontro das necessidades deste, visto que a adesão dos pais só acontecerá se o que lhes for dado for o que eles querem.

E: Então, agradeço-lhe uma vez mais a sua disponibilidade e colaboração.